

DO MESMO AUTOR DE
O ESTADO E O PODER DA ESPADA

O QUE FAREMOS COM OS

Salmos imprecatórios?

7 SENHOR, Deus meu,
em ti me refugio;
salva-me de todos os que
me perseguem e livra-me;
2 para que ninguém, como leão,
me arrebate,
despedaçando-me, não havendo
quem me livre.
SENHOR, meu Deus, se eu fiz
de que me culpas,
as minhas mãos
iniquidade.

| PB. RIKISON MOURA |



EDITORIA
CARIDADE PURITANA

O QUE FAREMOS COM OS SALMOS IMPRECATÓRIOS?

Pb. Rikison Moura

Editora Caridade Puritana



Este livro não pode ser revendido ou distribuído para vendas sem a permissão escrita da Editora Caridade Puritana. Breves citações são permitidas com indicação da fonte.

Todos os direitos em língua portuguesa pertencem à ECP. Para a distribuição gratuita, temos a versão em PDF disponível em nosso site: <https://www.editoracaridadepuritana.com.br>

© 2020, Editora Caridade Puritana Edição 1, agosto de 2020

SUMÁRIO

[DEDICATÓRIA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[RECOMENDAÇÕES](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[Capítulo I](#)

[**O SENTIMENTO POR TRÁS DAS PALAVRAS**](#)

[Capítulo II](#)

[**OS SALMOS IMPRECATÓRIOS COMO ESCRITURA DIVINA**](#)

[Capítulo III](#)

[**DEUS RESPONDE ORAÇÕES IMPRECATÓRIAS?**](#)

[Capítulo IV](#)

[**O DEUS QUE TEMOS E O QUE MUITOS GOSTARIAM DE TER**](#)

[Capítulo V](#)

[**O QUE MAIS NOS ENSINAM OS SALMOS?**](#)

[CONCLUSÃO](#)

[BIBLIOGRAFIA](#)

Contribuidores da obra:

Design: Wallas Pinheiro

Revisão: Walker Rainnier / Nathália Soares / Gabriel Lago

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Hilquias e Apolo, filhos da aliança e companheiros na Salmodia. É uma grande alegria trilhar este caminho com vocês.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que, através de sua graça, abriu os meus olhos para contemplar a beleza da glória do Evangelho de Jesus Cristo e que nestes últimos dias me tem feito apreciar a beleza do Saltério que aponta para o seu Filho e fala tão alto dos atributos da Divindade.

Agradeço ao meu irmão em Cristo Ramon Rodrigues Moreira, que sempre me ajudou na manutenção do meu velho computador, resolvendo problemas que para mim pareciam insolúveis, usando seu tempo e seus talentos e mesmo assim nunca me cobrou um centavo sequer. Que Deus o recompense!

À minha esposa Daniele, uma incentivadora incansável e uma mulher santa que juntamente comigo tem trilhado o caminho da salmodia.

Aos irmãos da Editora Caridade Puritana pelo apoio e trabalho em prol da seara do Senhor!

Em Cristo,

Pb. Rikison Moura.

RECOMENDAÇÕES

“O Pb. Rikison Moura escreveu um livro que nos chama a redescobrir a beleza e a glória dos Salmos. De forma simples e convincente, de um ângulo no qual se pode ver toda a extensão dos atributos do Todo-poderoso, nos mostra a grandeza de Deus revelada no Saltério, de modo que seria incapaz de se fazer qualquer exclusão ou descaso de um sequer dos maravilhosos 150 Salmos.”

— Daniel Costa, membro da Igreja Presbiteriana de Russas — CE, Engenheiro de Produção.

“Além de intrigante, sem dúvida alguma, como cristão, você deve ser capaz de responder ao questionamento: “O que faremos com os Salmos Imprecatórios?”. Meu amado irmão, Pb. Rikison, nos ajuda nessa piedosa e delicada tarefa! Com perícia, sua abordagem ultrapassa a controvérsia quanto à exclusividade da salmodia, nos fazendo considerar como responder às exortações de Paulo em Efésios 4:26: “Irai-vos e não pequeis” (dois imperativos numa sentença tão breve; que urgência!). Na presente obra, o Pb. Rikison nos leva a considerar o que o próprio Senhor nos forneceu, o prumo para o necessário exercício da ira santa, sem, contudo, exercê-la carnalmente. Somos lembrados de que é possível experimentar uma ira temente e piedosa ao deixarmos os Salmos assumirem sua função, assim como estiveram presentes na adoração dos santos de Israel. Não achemos que somos mais piedosos que Davi, aprendamos com ele! Excelente leitura!”

— Pr. Elivando Mesquita, pastor da Igreja Batista Reformada em Russas — CE. Formado pelo Seminário Teológico Charles Spurgeon. Casado com Amanda.

“Louvo ao Santo Senhor pela vida do amado Pb. Rikison Moura, que nos traz um conteúdo denso e extremamente pontual na Salmodia dos eleitos de Deus. Os Salmos imprecatórios são um banquete de teologia bíblica e reveladora do caráter e atributos de Deus, os quais, uma vez tendo sua intencionalidade e aplicação prática (o Senhor Deus honrou as orações imprecatórias proferidas por santos), quando omitidas ou mesmo questionadas, nos mostram uma deficiência no conhecimento do Senhor e da Sua revelação. Não temos em nós mesmos qualquer autoridade para retirar das mãos do SENHOR, o Soberano, a vingança que Lhe pertence (Rm 12:19), ou mesmo de não proclamarmos a ira santa vista nos santos do passado a qual expressava, com vista nos Salmos, dependência e confiança no único Rei e Senhor. A Ele louvor e Glória eternamente. Amém!”

— Weverton Silva, membro da Igreja Batista Reformada em Russas — CE, casado com Bruna.

O QUE FAREMOS COM OS SALMOS IMPRECATÓRIOS?

INTRODUÇÃO

O livro dos Salmos é amado por toda a cristandade; é o Saltério do povo de Deus. Como dizia Calvino, “é a anatomia de todas as partes da alma, pois não há sequer uma emoção da qual alguém porventura tenha participado que não esteja aí representada como num espelho”.^[1] Por meio dele, o povo de Deus expressa adequadamente ao Senhor os seus sentimentos, lutas, dores e alegrias. Por exemplo, se a culpa pelo pecado o esmaga, se a perseguição o aperta, se o medo e a angústia o ameaçam, você pode levar isso a Deus por meio do Saltério. Se a tentação bate à porta de seu coração ou o luto lhe sobrevém, as palavras dos Salmos lhe darão instrução necessária. Se o seu coração transbordar de alegria, o Salmo o ensinará a expressá-la. Os Salmos não apenas nos convidam a derramar perante Deus o nosso coração, mas nos concedem as palavras para isso! De modo que “não há livro de louvor mais perfeitamente apropriado para a fé dos cristãos”.^[2]

Além disso, eles unem nossas vozes na celebração a Deus, na mesma fé dos santos que viveram antes de nós, trazendo grandes benefícios para nossa alma. Sabemos que a música possui um poder sobre as almas dos homens. A música é a arte de manifestar os diversos afetos da alma mediante o som. Ela influencia nossas emoções e até mesmo nossas atitudes. Os Salmos têm o poder de abater o nosso orgulho e nos conduzir a Deus em submissão e graça.

No prefácio do Saltério de Genebra, João Calvino declara mais uma vez a importância dos Salmos:

“Além disso, o que Santo Agostinho disse é verdade, que ninguém é capaz de cantar coisas dignas de Deus, exceto as que dEle recebeu. Portanto, quando tivermos examinado minuciosamente e pesquisado em todos os lugares, não encontraremos melhores cânticos nem mais adequados para esse propósito do que os Salmos de Davi, que o Espírito Santo proferiu e realizou através dele. Além disso, quando os cantamos, temos a certeza de que Deus coloca esses em nossos lábios, como se estivesse cantando em nós para exaltar sua glória.”^[3]

Segundo Joel Beeke, “Calvino cria que cantar os Salmos é um dos quatro principais atos do culto da igreja. Ele é uma extensão da oração. É também a mais significativa contribuição vocal do povo na liturgia”.^[4] Martinho Lutero escreveu: “Os Salmos são oração pura, por meio dos quais se louva a Deus, lhe agradece e o honra”.^[5]

Dietrich Bonhoeffer nos adverte: “Ao esquecer-se do Saltério, a cristandade perde um tesouro inigualável. Ao recuperá-lo, será presenteada com forças jamais imaginadas”.^[6] Essa advertência do teólogo alemão precisa ser levada a sério por todos nós que amamos o Senhor!

Teodoro de Beza, o sucessor de Calvino e grande líder da Reforma Protestante, testemunha do poder abençoador dos Salmos em sua vida, nas seguintes palavras:

“Quando entrei, pela primeira vez, numa assembleia cristã, estava cantando o salmo 91. Senti-me de tal maneira fortificado por aquele canto que desde então ele ficou gravado em meu coração como se Deus mesmo dirigindo-se a mim; e posso atestar, diante de Deus, que recebi disso um admirável alívio na doença e no sofrimento, não somente quando fui atingido pela peste três anos mais tarde, ou quando esse mal atacou minha família, o que aconteceu por quatro vezes, mas também em outras difíceis provas”.^[7]

Pela graça de Deus e esforço de alguns irmãos piedosos, o canto dos Salmos tem recebido novo fôlego. Editoras têm lançado bons materiais que ressaltam a importância do Saltério na vida do povo de Deus. A Comissão Brasileira de Salmodia tem realizado um grande trabalho, metrificando os Salmos para que eles sejam cantados em nosso próprio idioma!

Joel Beeke observa: “Os Salmos pedem para serem cantados. Por isso, não é de surpreender que, quando o rei Ezequias restaurou o culto em Judá, ele ordenou aos levitas que louvassem o SENHOR com as palavras de Davi e de Asafe, o vidente” (2Cr 29:30)^[8].

De fato, embora o livro dos Salmos possa ser utilizado como um livro de orações e instrução espiritual, ele pede para ser cantado. Seu título em hebraico é *Sêpher Tehillim*, que quer dizer: “Livro dos Louvores”. Joel Beeke nota que “as palavras hebraicas para *cantar* e *cântico* aparecem mais de 180 vezes nos Salmos”.^[9] Portanto, os Salmos são nossa teologia cantada. A nossa fé expressada por meio da poesia. Por meio deles, aprofundamos a nossa percepção a respeito de Deus e desfrutamos de sua graciosa comunhão, direção e força.

A Confissão de Fé de Westminster, escrita pelos puritanos no século XVII, mostra a importância do cântico dos Salmos em nosso culto oferecido a Deus. Quando ela se expressa a respeito do culto religioso e do domingo, declara:

*“A leitura das Escrituras, com santo temor; a sã pregação da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o **cântico de salmos**, com gratidão no coração; bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo — são partes do culto comum oferecido a Deus [...]”* (Capítulo XXI. Sessão V).^[10]

O Diretório de Culto de Westminster, também elaborado pelos puritanos, ensina: “É dever dos cristãos louvar Deus publicamente cantando Salmos juntos na igreja e também em particular na família”.^[11]

Certamente os Salmos precisam ser cantados. Se somente os Salmos devem ser cantados no culto (Salmodia exclusiva), ou se a igreja deve cantar os hinos de composição humana juntamente com os Salmos (Salmodia inclusiva), é uma discussão que, no momento, abstenho-me de fazer. O que defendo, contudo, com muito entusiasmo é que o cântico dos Salmos precisa voltar a fazer parte do culto a Deus. Negligenciar esse tão precioso tesouro seria uma verdadeira loucura. Em dias de espiritualidade tão rasa e composições superficiais, entoar os cânticos de Sião tornou-se extremamente necessário.

A minha convicção de que a igreja deve cantar os Salmos não é antiga. Até pouco tempo, não cantávamos os Salmos na igreja onde congrego. Na verdade, pouco havia escutado sobre essa prática. Mas a grande verdade é que a Igreja do Senhor sempre entou os Salmos, de modo que, embora alguns pensem que cantar os Salmos seja uma novidade, na verdade, a novidade foi o seu desuso. Os Salmos moldaram por séculos e mais séculos a espiritualidade do povo de Deus; eles estavam nos templos, nas casas, nos campos, nos mercados, enfim, em qualquer lugar onde se encontrassem os servos de Deus. Onde estivessem os santos, ali se encontravam os

Cânticos de Sião! Até mesmo na hora de suplício horrível, os huguenotes franceses fizeram dos Salmos sua adoração a Deus.

Acerca da antiguidade do cântico dos Salmos, o autor Terry Johnson, citando Crisóstomo, diz o seguinte:

“Todos os cristãos usam com mais frequência os Salmos de Davi do que qualquer outra parte do Antigo ou do Novo Testamento. A graça do Espírito Santo ordenou as coisas de tal forma que eles devem ser recitados e cantados noite e dia. Nas vigílias da igreja, no início, no meio e no fim cantavam-se os Salmos de Davi. Pela manhã, buscavam-se os Salmos de Davi; assim Davi era mencionado no primeiro, no intermediário e no último dia. Nas cerimônias fúnebres, o primeiro, o intermediário e o último cântico são de Davi. Muitas pessoas completamente analfabetas podem dizer de cor os Salmos de Davi. Em todas as casas, onde mulheres trabalham — nos monastérios — nos desertos, onde os homens comungam com Deus, o primeiro Salmo, o intermediário e o último são de Davi.”^[12]

Segundo os relatos do Novo Testamento, a igreja primitiva entoava os cânticos de Sião. O apóstolo Paulo disse à igreja dos efésios (Ef 5:19) e à igreja dos colossenses (Cl 3:16) que cantassem os Salmos. A igreja de Corinto cantava os Salmos (1Co 14:15, 26). Tiago recomendou aos irmãos da Diáspora que louvassem ao Senhor com Salmos (Tg 5:13).

Porém, mesmo a igreja amando os Salmos, nós reconhecemos que há nos Salmos algumas partes embaraçosas para muitos cristãos. Os Salmos não falam apenas de pastos verdejantes ou de pardais que encontraram ninho para os seus filhotes, não é um devocional que você possa ler tranquilamente numa tarde enquanto, sentado à mesa, se delicia com café e bolachas; eles também falam do vale da sombra da morte, dos perigos e terríveis conflitos contra homens perversos que se levantam contra o Senhor e que desejam ardentemente ceifar a vida dos justos. Contra esses inimigos que se levantam contra Deus e contra o seu povo, o salmista levanta sua voz em oração e pede a Deus que derrame sobre eles a sua ira e que vingue o sangue dos seus servos!

Os Salmos que empregam essa linguagem são chamados de “Salmos imprecatórios”. Os Salmos costumam receber classificações ou subconjuntos. Temos, por exemplo, os chamados “Cânticos de romagem” (Sl 120 ao 134); os “Salmos messiânicos” (Sl 2, 8, 16, 22, 40, 45, 68, 69, 72, 89, 109, 110, 118, 132); os “Salmos de Aleluia” (Sl 113–118, 146–150) etc. Os “Salmos imprecatórios” são aqueles nos quais o salmista pede a Deus que derrame sua ira ou vingança sobre os inimigos; que retribua com justiça aos malfeitores. Não é fácil listar quantos são, uma vez que as imprecações perpassam muitos Salmos, mas alguns Salmos identificados como imprecatórios ou que trazem uma forte linguagem são: Sl 35, 37, 55, 58, 59, 69, 79, 83, 94, 109, 137, 140, 149.

Você já se sentiu desconfortável ao ler essas imprecações? Você já se perguntou: “Como orações como essas podem estar na Bíblia?”; “Como pode o salmista orar assim?”; ou, como bem colocou Jay Adams:

“Muitos crentes leem essas expressões às pressas, como se estivessem se protegendo da fúria do ódio, para passar rapidamente para outras seções, onde acham uma linguagem mais confortável.”^[13]

Essas dificuldades não são apenas dos santos de hoje; os santos do passado também tiveram de lidar com elas. Bonhoeffer, em seus dias, declarou:

“Hoje nenhuma parte do Saltério nos causa mais dificuldades do que os Salmos de vingança. Seus pensamentos perpassam todo o Saltério com uma frequência assustadora (5, 7, 9, 10, 13, 16, 21, 23, 28, 31, 35, 36, 40, 41, 44, 52, 54, 55, 58, 59, 68, 69, 70, 71, 137, etc.).”^[14]

O que Bonhoeffer afirmou acima é verdadeiro. Muitos dos Salmos, mesmo aqueles que não são considerados imprecatórios, trazem algumas afirmações inquietantes. Não podemos simplesmente ignorá-los e fingir que não existem; essa não é uma atitude sensata, pois fingir que eles não estão lá não resolve o problema. A negação não anula o fato: eles estão lá! Cheios de expressões pesadas, zelosas e inflamadas. Expressões como estas:

“Sejam confundidos e cobertos de vexame os que buscam tirar-me a vida; retrocedam e sejam envergonhados os que tramam contra mim. Sejam como a palha ao léu do vento, impelindo-os o anjo do SENHOR. Torne-se-lhes o caminho tenebroso e escorregadio, e o anjo do SENHOR os persiga. Pois sem causa me tramaram laços, sem causa abriram cova para minha vida. Venha sobre o inimigo a destruição, quando ele menos pensar; e prendam-no os laços que tramou ocultamente; caia neles para sua própria ruína” (Sl 35:4-8).

“Ele retribuirá o mal aos meus opressores; por tua fidelidade dá cabo deles” (Sl 54:5).

“A morte os assalte, e vivos desçam à cova! Porque há maldade nas suas moradas e no seu íntimo” (Sl 55:15).

“Dá-lhes a retribuição segundo a sua iniquidade. Derriba os povos, ó Deus, na tua ira” (Sl 56:7).

“Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca; arranca, SENHOR, os queixais aos leõezinhos. Desapareçam como águas que se escoam; ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas. Sejam como a lesma, que passa diluindo-se; como o aborto de mulher, não vejam nunca o sol” (Sl 58:6-8).

“Consome-os com indignação, consome-os, de sorte que jamais existam e que se saiba que reina Deus em Jacó, até os confins da terra” (Sl 59:13).

“Sua mesa torne-se-lhes em laço, e a prosperidade, em armadilha. Obscureçam-se-lhes os olhos, para que não vejam; e faz que sempre lhes vacile o dorso. Derrama sobre eles a tua indignação, e que o ardor da tua ira os alcance. Fique deserta a sua morada, e não haja quem habite as suas tendas” (Sl 69:22-25).

“Sejam envergonhados e consumidos os que são adversários de minha alma; cubram-se de opróbrio e de vexame os que procuram o mal contra mim” (Sl 71:13).

“Derrama o teu furor sobre as nações que te não conhecem e sobre os reinos que não invocam o teu nome (...) Por que diriam as nações: Onde está o seu Deus? Seja, à nossa vista, manifesta entre as nações a vingança do sangue que dos teus servos é derramado” (Sl 79:6,10).

“Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um acusador. Quando o julgarem, seja condenado; e tida como pecado, a sua oração. Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo. Fiquem órfãos os seus filhos, e viúva, a sua esposa” (Sl 109:6-9).

“Não concedas, SENHOR, ao ímpio os seus desejos; não permitas que vingue o seu mau propósito. Se exaltam a cabeça os que me cercam, cubra-os a maldade dos seus lábios. Caiam sobre eles brasas vivas, sejam atirados ao fogo, lançados em abismos para que não mais se levantem” (Sl 140:8-10).

Até mesmo o Salmo 34, que nos chama a provar a bondade de Deus, declara: “O rosto do SENHOR está contra os que praticam o mal, para lhes extirpar da terra a memória” (Sl 34:16). Ao lermos atentamente o Salmo 139, nos maravilhemos com o poder e a onisciência de Deus; e, ao nos aprofundarmos nas grandiosas obras de Deus, suspiramos com o salmista: “*Que preciosos, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles!*” (v. 17). Quando, de repente, quase como se fosse um anticlímax, nós somos surpreendidos com estas palavras: “*Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso; apartai-vos, pois, de mim, homens de sangue. Eles se rebelam insidiosamente contra ti e como teus inimigos falam malícia. Não aborreço eu, SENHOR, os que te aborrecem? E não abomino os que contra ti se levantam? Aborreço-os com ódio consumado; para mim são inimigos de fato*” (Sl 139:19-22).

Outro exemplo é o Salmo 63. O salmista almeja a presença de Deus; sua alma tem sede de Deus “como terra árida, exausta, sem água” (v. 1). Ele louva e bendiz o nome do Senhor que é gracioso (vv. 3-5). Deus é o seu auxílio, a destra do Senhor o sustenta (vv. 7,8). Toda essa linguagem é belíssima e somos envolvidos nesse lindo louvor a Deus, mas, novamente, quando menos esperamos, somos surpreendidos com estas palavras: “Porém, os que me procuram a vida para a destruir abismar-se-ão nas profundezas da terra. Serão entregues ao poder da espada e virão a ser pasto dos chacais” (vv. 9,10).

Mas por que razão os salmistas escreveram dessa maneira? Para algumas pessoas, a resposta é bem simples: os salmistas viviam numa época muito distinta da nossa; eles viviam no tempo da lei, e nós vivemos no tempo da graça. A sua época era bárbara e cruel, mas nós vivemos em tempos melhores. Entretanto essa simples resposta é suficiente? Não! Definitivamente isso não resolve o problema. No Novo Testamento, encontramos orações imprecatórias realizadas pelos apóstolos, citações dos Salmos imprecatórios relacionando-os à vida e ao ministério de Jesus; até mesmo os santos nos céus clamam a Deus dizendo: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6:10).

Se não podemos simplesmente ignorá-los, então o que faremos com eles? Uma das alternativas seria cantar as partes que não são imprecatórias e simplesmente pular as imprecções quando elas aparecerem nos Salmos, mas isso também é problemático, tendo em vista que afetaria a integralidade dos Salmos, ou seja, mutilaria a intenção do autor original, e nós cantaríamos apenas frações dos Salmos.

O pastor Terry Johnson diz que “cada Salmo tem sua própria integridade temática. O Livro dos Salmos como um todo se caracteriza pela integridade teológica, Cristológica e prática. O Saltério foi concedido pelo Espírito Santo como uma coleção completa, cuja força é coletiva: os lamentos não vêm separados do louvor, as imprecções não vêm separadas das confissões de pecado, mas tudo está relacionado. O todo do evangelho de Cristo se encontra no todo do Saltério.”^[15]

Ainda uma pergunta deve ser feita: suponhamos que apliquemos esse critério de na hora do louvor pular as partes difíceis (imprecatórias); faríamos o mesmo na leitura dos Salmos? Se for válido para o louvor, também deve ser válido para a leitura. Observem que esse tipo de remendo somente aumenta os problemas em vez de solucioná-los.

Mas, se não podemos ignorá-los e fingir que eles não existem, nem tampouco saltar as partes difíceis, o que faremos? Deveríamos sentir vergonha e desculpar os salmistas por ter orado dessa forma? Devemos considerar esses Salmos como parte superada pelo advento de Cristo?

Seriam os Salmos imprecatórios produto de manifestações humanas mal orientadas? Ou seriam eles inspirados pelo Espírito de Deus? Podemos cantar ou pregar com base nesses Salmos? Uma vez que Cristo nos mandou amar nossos inimigos, os Salmos imprecatórios não revelariam um espírito anticristão? São essas e outras questões que precisamos considerar com seriedade.

No primeiro capítulo, abordaremos o sentimento por trás das palavras dos salmistas. O que levou esses homens a orarem nesses termos tão fortes? Será que suas palavras brotaram de sentimentos bárbaros, de uma época sanguinária e cruel? Ou será que foi o seu zelo intenso que os levou a uma ira santa? No segundo capítulo, abordaremos a inspiração dos Salmos imprecatórios e de como os autores do Novo Testamento os aplicaram. No terceiro capítulo, veremos em diversas passagens do Antigo e Novo Testamento as orações imprecatórias e como Deus responde as responde. No quarto capítulo, abordaremos a justiça retributiva de Deus e como nossa época não tem dado a devida atenção a esse aspecto tão importante. No quinto e último capítulo, veremos o que os Salmos nos ensinam a respeito de Deus e de nós mesmos.

Que Deus abençoe o amado leitor!

CAPÍTULO I

O SENTIMENTO POR TRÁS DAS PALAVRAS

Alguns veem os Salmos apenas como sombras da antiga aliança, que, à luz do Novo Testamento, não têm mais sentido, pois, uma vez que temos a luz, que necessidade teríamos das sombras? Uma característica dessas “sombras” seria a linguagem extremamente forte percebida nos Salmos, principalmente nos chamados “Salmos imprecatórios”. Essa linguagem, segundo os adversários da Salmodia, não está em harmonia com o ensino do Novo Testamento. A ética dos Salmos estaria muito abaixo da ética de Jesus.

Os Salmos imprecatórios seriam, então, manifestações humanas mal orientadas, produto de uma cultura bárbara e cruel que reflete um espírito vingativo e até mesmo anticristão. Afinal de contas, Cristo ensinou a amar os inimigos e a orar pelos que nos perseguem. Em outras palavras, segundo essas pessoas, as motivações das orações imprecatórias são pecaminosas, portanto desnecessárias e incompatíveis com os cristãos da nova aliança!

Certos cristãos, alguns deles bastante conhecidos da cristandade, ao se depararem com esses Salmos, emitiram opiniões e se posicionaram de modo bastante estranho. C. S. Lewis, por exemplo, amado por muitos pela sua excelente obra “As Crônicas de Nárnia”, disse que “Em alguns dos Salmos, o espírito de ódio com o qual nos defrontamos é como o calor da boca de uma fornalha”.^[16] Para ele, em alguns Salmos, “o ódio está presente — supurando, exultando com a desgraça alheia”.^[17] Antes de citar o Salmo 69:22: “Que a mesa deles se lhes transforme em laço; torne-se retribuição e armadilha”, Lewis faz questão de lembrar ao leitor que nessa passagem “há um requinte de maldade”^[18].

O mais absurdo ele deixa para o Salmo 23:5. Segundo ele, “o prazer do poeta em sua prosperidade momentânea não seria completo, a menos que aqueles inimigos horrendos — que costumavam olhá-lo com desprezo — estivessem assistindo àquilo tudo e odiando. Essa talvez não seja tão diabólica quanto as passagens que citei acima; no entanto, sua mesquinhez e vulgaridade, especialmente no contexto em que está inserida, são difíceis de suportar”.^[19]

A conclusão a que C. S. Lewis chega é que “a reação dos salmistas à injúria, embora profundamente natural, é totalmente equivocada”.^[20] Com todo o respeito, discordo profundamente dessas posições de Lewis. Para ser bem franco, elas beiram a blasfêmia! Parece-me que ele se deixou levar pelos próprios sentimentos e se colocou como juiz da Escritura. Como se fosse um habilidoso cirurgião, ele tentou “limpar” as Escrituras e, por mais bem-intencionado que pareça, foi um terrível erro. Que Lewis seja lembrado por suas excelentes Crônicas, e não por essas palavras ofensivas dirigidas aos Salmos imprecatórios. Isso é um lembrete de que todos nós temos os pés de barro e carecemos da graça de Deus!

O famoso poeta e teólogo inglês Isaac Watts também tinha um posicionamento contrário aos Salmos imprecatórios. Segundo ele, “alguns destes Salmos são quase opostos ao espírito do Evangelho”.^[21] James M. Wilson, citando R. J. Breckenridge, tece a seguinte crítica à obra de Watts:

“Confessamos livremente que, para nós mesmos, consideramos a Paráfrase dos Salmos, do Dr. Watts, a parte mais defeituosa de nossa salmodia; e apenas mais e mais se maravilham de que uma tentativa tão miserável tenha adquirido tanta reputação.”^[22]

Em sua “imitação dos Salmos de Davi”, ele omitiu muitas partes, grandes trechos, justamente os trechos que ele julgou não serem compatíveis com a linguagem do Novo Testamento. Ele tentou “melhorar” a linguagem dos Salmos e adaptá-los ao culto cristão; ele descaracterizou os Salmos — sua versão dos Salmos não reflete o pensamento do Salmo original. Isaac Watts disse que “ele fazia Davi falar como um cristão. Ele desnaturalizou os Salmos, e os sofisticou. Watts falhou completamente em apreciar a real beleza do Saltério”.^[23]

O estudioso bíblico J. G. Vos observou: “Estas objeções brotam parcialmente de um mau entendimento dos próprios Salmos. Os opositores consideram-nos como meras composições humanas. Eles veem neles simplesmente a ira privada de Davi contra seus inimigos pessoais. Mas este não é o caráter desses Salmos. Eles foram divinamente inspirados e foram direcionados contra inimigos implacáveis de Deus e do Seu reino. Eles são até citados no Novo Testamento (Salmos 69:25 e 109:8, citado em Atos 1:20). Os Salmos imprecatórios não são realmente contrários ao ‘espírito de Jesus’ ou ao ‘espírito’ do Novo Testamento. Tudo que é encontrado neles pode ser compatibilizado com as declarações do Novo Testamento, e nada é mais terrível do que as palavras de Jesus Cristo contra aqueles permanentemente identificados com o reino de Satanás”.^[24]

Antes de irmos propriamente ao conteúdo dos Salmos imprecatórios, vamos ao Sermão do Monte, pois ali, segundo alguns pensam, está a refutação decisiva contra essas orações que pedem a vingança de Deus contra os inimigos.

Uma das armadilhas nas quais muitos leitores têm caído ao ler o Sermão do Monte é pensar, erroneamente, que Cristo se posiciona contra o ensino da Lei de Moisés ou outras partes do Antigo Testamento. Quando lemos: “Ouviste que foi dito aos antigos” em contraste com: “Eu, porém, vos digo”, temos de perceber que não é um contraste entre Jesus e Moisés. Lembre-se de que, antes que Cristo fizesse esses corretivos, ele havia dito: “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir*” (Mt 5:17). O apóstolo Paulo diz que “*Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei*” (Gl 4:4). Isso significa que Jesus precisava obedecer à lei. Portanto, se ele é obediente à lei, não pode estar aqui contrariando-a abertamente.

Se o contraste não é entre Moisés e Jesus, uma vez que acabamos de ler que o próprio Jesus foi obediente à Lei, então com quem é o contraste? O contraste e os corretivos são feitos contra a falsa interpretação da Lei, realizada pelos escribas e fariseus. São os acréscimos que eles fizeram que Jesus está contrariando e, ao mesmo tempo, revela-nos a verdadeira interpretação e espírito da Lei de Deus.

Por exemplo, quando Cristo diz: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” (Mt 5:43), Jesus está mostrando como a falsa interpretação dos escribas e fariseus feria o texto bíblico. A lei dizia: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu

povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR” (Lv 19:18). Observem que a primeira parte se encontra no texto bíblico “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, mas a segunda parte é um acréscimo feito pelos escribas e fariseus.

Turretini fez uma importante observação: “Não se pode dizer que o mandamento de amor ao próximo foi corrigido por Cristo com respeito ao objeto, como se o objeto do amor fosse mais restrito sob o Antigo Testamento — ou seja, o próximo do mesmo pacto e religião —, porém, no Novo, se estendesse mais amplamente para abarcar todos os homens universalmente, inclusive os inimigos. Pois em cada um há o mesmo mandamento de amor, o mesmo objeto, a mesma forma e o mesmo fim, o mesmo amor, seja extensivamente quanto ao objeto, seja intensivamente quanto à maneira e grau”.^[25]

Aonde queremos chegar com isso? Queremos mostrar que o ensino de amar os inimigos não é uma novidade nem uma exclusividade do Novo Testamento, mas já se encontrava nas páginas do Antigo Testamento (Ex 23:4ss; Lv 19:18; Pv 20:22; 24:17 etc.). Os dez mandamentos tratam, em sua primeira parte, isto é, os quatro primeiros mandamentos, de nossa responsabilidade para com Deus e, em sua segunda parte, de nossa responsabilidade para com o nosso próximo. O resumo desses mandamentos é: “Amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento, e ao nosso próximo como a nós mesmos” (BCW, resposta à pergunta 42; cf. Mt 22:37-40). Geerhardus Vos nos chama a atenção para o seguinte: “O sentido e a substância da ‘regra de ouro’ está contida no Velho Testamento, conforme o próprio Jesus indicou ao acrescentar as palavras *“porque esta é a Lei e os Profetas”*”.^[26]

O salmista Davi sabia dessas verdades ensinadas pela Lei. É importante lembrar que os Salmos expressam muitas ideias da Torá, como veremos mais adiante. Como rei ungido e escolhido pelo Senhor, Davi conhecia a lei de Deus. Quando Deus falou acerca da eleição e os deveres de um rei, entre outras coisas, estava esta importante orientação:

“Também, quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir” (Dt 17:18,19).

O rei e salmista Davi expressa o seu apreço pela lei do Senhor em alguns Salmos. Para ele, “a lei do Senhor é perfeita” (Sl 19:7); e “o mandamento do SENHOR é puro” (Sl 19:8); “as palavras do SENHOR são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes” (Sl 12:6); “O caminho de Deus é perfeito; a palavra do SENHOR é provada...” (Sl 18:30). Davi conhecia os ensinamentos da lei de Deus; ele sabia que a lei ensinava a amar os inimigos e, maravilhosamente, cumpriu isto!

Em alguns Salmos, podemos observar o salmista lamentando a maneira injusta com a qual os homens o tratavam e como ele reagia a isso. Essa é uma pista importante para descobrirmos os sentimentos por trás das palavras. No Salmo 35, Davi diz: “Pagam-me o mal pelo bem, o que é desolação para minha alma. Quanto a mim, porém, estando eles enfermos, as minhas vestes eram pano de saco; eu afligia a minha alma com jejum e em oração me reclinava sobre o peito, portava-me como se eles fossem meus amigos ou meus irmãos; andava curvado, de luto, como quem chora por sua mãe” (Sl 35:13,14). O salmista “faz menção de certos emblemas de real e genuíno amor — que lamentara sua desgraça diante de Deus e que se torturara por eles como se houvera chorado a morte de sua própria mãe; e finalmente, que sentira interesse por eles como se

fossem seus próprios irmãos. Visto, pois, que assim os pusera sob severas obrigações em relação a ele, de que mais vil ingratidão poderiam ser culpados senão em vomitar contra ele, em sua adversidade, a peçonha do seu ódio?”.^[27]

No Salmo 109, ele declara: “Pois contra mim se desataram lábios maldosos e fraudulentos; com mentirosa língua falam contra mim. Cercam-me com palavras odiosas e sem causa me fazem guerra. Em paga do meu amor, me hostilizaram; eu, porém, oro. Pagaram-me o bem com o mal; o amor com ódio” (Sl 109:3-5). Davi demonstrou amor mesmo para com aqueles que o odiavam! Ele fez todo o bem que esteve ao seu alcance. Em vez de retribuir aos inimigos por meios ilícitos, Davi entrega tudo nas mãos de Deus e confia na justa retribuição divina.

Vamos refrescar um pouco nossa memória e ver como Davi se comportou diante da ira injustificada do rei Saul. O rei Saul foi o inimigo mais feroz e poderoso que Davi teve. Convenhamos, não é uma boa coisa ser odiado pelo rei. Ao lermos os relatos bíblicos, vemos, gradualmente, a ira insensata de Saul contra Davi.

Saul, ao ver o incrível desempenho de Davi diante do gigante Golias, “o pôs sobre tropas do seu exército, e era ele benquisto de todo o povo e até dos próprios servos de Saul” (1Sm 18:5). Entretanto, num belo dia, Saul e seu exército voltavam da batalha contra os filisteus e as mulheres saíram ao encontro dos heróis de guerra e entoaram uma canção que Saul passou a odiar. A canção dizia: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares” (1Sm 18:7). A reação de Saul foi de indignação. Ele não suportou ouvir as mulheres exaltarem Davi acima dele. O texto registra a sua reação:

“Então, Saul se indignou muito, pois estas palavras lhe desagradaram em extremo; e disse: Dez milhares deram elas a Davi, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão o reino? Daquele dia em diante, Saul não via a Davi com bons olhos” (1Sm 18:8,9).

A inveja apoderou-se do coração do rei; ele passou a ver Davi como uma ameaça ao seu reinado. No dia seguinte, após ouvir aquela canção, Saul teve uma crise de raiva. Atormentado por um espírito maligno, tentou matar Davi, que, por duas vezes, desviou-se de sua lança!

Depois Saul tentou matar Davi pela astúcia, usando suas filhas como um laço para a vida de Davi. Com palavras agradáveis, mas com coração traiçoeiro, ele prometeu a Davi sua filha mais velha como mulher, caso Davi lutasse as “guerras do SENHOR”; mas dizia consigo mesmo: “*Não seja contra ele a minha mão, e sim a dos filisteus*” (1Sm 18:17). Quando chegou o tempo em que Merabe, filha mais velha de Saul, deveria ser dada a Davi, Saul a deu como esposa a outro homem (1Sm 18:19).

Mas Mical, a outra filha de Saul, amava a Davi, e, quando Saul fica sabendo disso, vê mais uma oportunidade de colocar seu plano em ação. Disse Saul: “*Eu lha darei, para que ela lhe sirva de laço e para que a mão dos filisteus venha a ser contra ele*” (1Sm 18:21). A intenção de Saul era que Davi morresse pelas mãos dos filisteus. Assim, ele fez um pedido inusitado como dote pela mão de sua filha: cem prepúcios de filisteus. O corajoso Davi saiu com seus homens e feriu duzentos filisteus, tirou os prepúcios e os entregou ao rei. O plano astucioso de Saul falhara mais uma vez.

Depois disso, Saul não se esforçava mais em disfarçar que odiava Davi e queria a sua morte. É o que nos diz o primeiro verso do capítulo 19 de 1 Samuel: “*Falou Saul a Jônatas, seu filho, e a todos os servos sobre matar Davi...*”. Pela misericórdia de Deus, Davi possuía amigos

dentro da corte, os quais o fizeram saber das intenções malignas de Saul. Jônatas, filho do rei, contou tudo para Davi e intercedeu por ele diante do pai, que, por um momento, cedeu aos argumentos do filho, e Davi voltou à presença do rei.

Davi não possuía um coração perverso, sedento por vingança pessoal, mas, sim, um coração gracioso e longânimo. Ele voltou para tocar sua música diante do homem que tentou, por mais de uma vez, tirar-lhe a vida. Você faria isso? Você perdoaria um homem que tentou tirar a sua vida? Você voltaria para perto dele, mesmo sabendo do perigo que estaria correndo? Antes de acusar o salmista de ser um homem vingativo, é bom sondarmos o nosso próprio coração e respondermos com sinceridade às indagações feitas acima.

Enquanto Davi tocava a sua música, um espírito maligno se apoderou de Saul e, mais uma vez, ele tentou, com a sua lança, encravar Davi na parede. Este desviou-se e fugiu para sua casa. Naquela mesma noite, Saul enviou os seus homens para vigiarem a casa de Davi com o intuito de tirar a sua vida pela manhã. Mical ficou sabendo e ajudou Davi a fugir pela janela (cf. 1Sm 19:8-17). O Salmo 59 foi escrito tendo em mente esse episódio dramático vivido por Davi.

Davi passou a ser perseguido, caçado como um animal. O ódio de Saul não cessava, a sua fúria insana o consumia por dentro. Mesmo Davi não fazendo nenhum mal contra Saul, em sua insanidade ele dizia que Davi tramava contra ele (1Sm 22:8,13). Seu ódio era descarregado contra qualquer um que ousasse ajudar Davi (1Sm 19:17; 20:30-34).

Em sua empreitada, o rei Saul promoveu um banho de sangue, mandando matar os sacerdotes de Nobe. O seu ato brutal era uma afronta direta contra o Senhor. Ele agiu conscientemente, pois nos diz o relato bíblico: “Disse o rei aos da guarda, que estavam com ele: Volvei e matai os sacerdotes do SENHOR...” (1Sm 22:17 — ênfase acrescentada pelo autor). Os servos do rei se recusaram a participar da matança, então o perverso Doegue fez o serviço sujo, matando, naquele dia, oitenta e cinco sacerdotes. “*Também a Nobe, cidade destes sacerdotes, passou a fio de espada: homens, e mulheres, e meninos, e crianças de peito, e bois, e jumentos, e ovelhas*” (1Sm 22:18,19). Como bem observou o Rev. Frans Van Deursen, “Ele não apenas matou toda uma população urbana — também poderíamos dizer: a toda uma igreja de Deus”.^[28]

Posteriormente, Davi compôs um salmo retratando a maldade de Doegue, ao mesmo tempo em que confiava ao Senhor o julgamento contra esse terrível inimigo.

“Por que te glorias na maldade, ó homem poderoso? Pois a bondade de Deus dura para sempre. A tua língua urde planos de destruição; é qual navalha afiada, ó praticadora de enganos! Amas o mal antes que o bem; preferes mentir a falar retamente. Amas todas as palavras devoradoras, ó língua fraudulenta! Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatá-te e arrancar-te da tua tenda e te extirpará da terra dos viventes. Os justos hão de ver tudo isso, temerão e se rirão dele, dizendo: Eis o homem que não fazia de Deus a sua fortaleza; antes confiava na abundância dos seus próprios bens e na sua perversidade se fortalecia. Quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na Casa de Deus; confio na misericórdia de Deus para todo o sempre. Dar-te-ei graças para sempre, porque assim o fizeste; na presença dos teus fiéis, esperarei no teu nome, porque é bom” (Sl 52:1-9).

Observem como era perverso este edomita chamado Doegue. Ele se gloria na maldade (v. 1); sua língua é destrutiva e enganosa (v. 2); ele ama o mal antes do bem; prefere mentir a falar retamente (v. 3); ama as palavras de mentira (v. 4). Enfim, Doegue é o “homem perfeito” para fazer a vontade perversa de Saul. Contudo, a confiança de Davi é que o próprio Deus cuidará dos perversos: “*Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatá-te e arrancar-te da tua*

tenda e te extirpará da terra dos viventes” (v. 5). Os justos temerão e se alegrarão ao ver tudo isso (v. 6).

Já vimos o suficiente para percebermos como o caráter de Saul era cruel e como ele odiava e invejava Davi, tentando contra a sua vida por todos os meios. Mesmo tendo a oportunidade, Davi não vingou a si mesmo; poupou a vida do seu inimigo. O próprio Saul reconheceu a benignidade de Davi:

“Mais justo és do que eu; pois tu me recompensaste com bem, e eu te paguei com mal. Mostraste, hoje, que me fizeste bem; pois o Senhor me havia posto em tuas mãos, e tu me não mataste. Porque quem há que, encontrando o inimigo, o deixa ir por bom caminho? O SENHOR, pois, te pague com bem, pelo que, hoje, me fizeste” (1Sm 24:17-19).

Se Davi fosse movido pelo ódio, deixando a vingança dominá-lo, Saul teria morrido pelas mãos de Davi. A vingança pessoal é condenada na Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento (Lv 19:18; Rm 12:19). Mas Davi não apenas se resguardou da vingança pessoal, como também impediu que os seus homens também a exercessem. Davi conteve os seus homens e não lhes permitiu que se levantassem contra Saul (cf. 1Sm 24:4-7).

Alguns dos homens de Davi haviam sugerido que ele matasse Saul, mas ele não o fez. Ele deixou a vingança nas mãos de Deus; ele disse a Saul: *“Julgue o SENHOR entre mim e ti e vingue-me o SENHOR a teu respeito; porém a minha mão não será contra ti”* (1Sm 24:12). Davi disse a Abisai em relação a Saul: *“Tão certo como vive o SENHOR, este o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou descendo à batalha, seja morto”* (1Sm 26:10). Davi poupou aquele que sem razão o oprimia (Sl 7:4); deixou o caso nas mãos de Deus. Pediu que Deus interviesse e agisse com justiça, retribuindo o mal que Saul intentara contra ele. Davi deixou o caso nas mãos do único que tem a prerrogativa de exercer vingança (Dt 32:35).

Quando Saul finalmente morreu numa batalha contra os filisteus, a atitude e reação de Davi foi surpreendente. Davi compôs um hino de lamento pela morte de Saul e Jônatas, determinando que esse hino fosse ensinado aos filhos de Judá (2Sm 1:17). Nesse lamento, Davi diz: *“Saul e Jônatas, queridos e amáveis”* (2Sm 1:23) — que elogio gracioso Davi dirige ao seu terrível e sanguinário adversário! Davi amava Saul e Jônatas; ele amou seu inimigo!

Mais adiante, Davi diz que o povo deve prantear juntamente com ele e deve segui-lo na tristeza: *“Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de rica escarlata, que vos punha sobre os vestidos adornos de ouro”* (2Sm 1:24). Davi até mesmo conjurou uma maldição sobre os Montes de Gilboa, onde caíram Saul e Jônatas: *“Montes de Gilboa, não caia sobre vós nem orvalho, nem chuva, nem haja aí campos que produzam ofertas, pois neles foi profanado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo”* (2Sm 1:21).

Mas se o que movia o coração do salmista não era o ódio e a vingança pessoal, qual a motivação por trás de suas palavras? O que movia o coração do salmista a elevar sua voz em oração e falar nos termos que encontramos nas imprecações?

Podemos encontrar as respostas nos próprios Salmos imprecatórios escritos por Davi e outros autores. Neles, encontramos a motivação por trás das palavras. No contexto dos Salmos imprecatórios, vemos que os inimigos, além de serem arrogantes, violentos, opressores, mentirosos e sanguinários, zombavam abertamente de Deus. Em outras palavras, antes de serem inimigos do salmista, eles são inimigos declarados de Deus; eles distorciam o caráter e a natureza santa e justa de Deus. Isso fazia o coração do salmista arder em santa indignação.

Eles acham que podem fazer o que bem entendem, pois, afinal de contas, dizem eles: *“Deus se esqueceu, virou o rosto e não verá isto nunca”*, ou ainda: *“Por que razão despreza o ímpio a Deus dizendo no seu íntimo que Deus não se importa?”* (Sl 10:11,13). “Neste Salmo Davi se queixa, em seu próprio nome e no nome de todos os santos piedosos, de que a fraude, a extorsão, a crueldade, a violência e todo gênero de injustiça prevaleciam em todos os rincões do mundo; e a causa que ele assinala para isso é que os ímpios e perversos, vendo-se intoxicados com sua prosperidade, lançavam de si todo o temor de Deus e criam que podiam fazer o que bem quisessem, e isso impunemente.”^[29]

Os ímpios retratados aqui pelo salmista desprezam a justiça de Deus. Eles o fazem de modo consciente e deliberado. Segundo cogitam no coração, Deus não contempla a maldade exercida por eles. O salmista responde às acusações dos ímpios com pedidos a Deus. Enquanto os ímpios dizem: “Deus se esqueceu”, o salmista clama: “Levanta-te, SENHOR! Ó Deus, ergue a mão! Não te esqueças dos pobres” (Sl 10:12). Os ímpios com arrogância dizem: “Deus não se importa”; o salmista responde: “Tu, porém, o tens visto, porque atentas aos trabalhos e à dor, para que os possas tomar em tuas mãos” (Sl 10: 14).

Em face da opressão praticada pelos ímpios, o salmista pede a Deus: *“Quebranta o braço do perverso e do malvado; esquadrinha-lhes a maldade até nada mais achares”* (Sl 10:15). Quando Deus levantar sua poderosa mão, a força do perverso será quebrada. O salmista finaliza esse Salmo cheio de confiança; ele sabe que, quando Deus se levantar, fará “justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, já não infunda terror” (Sl 10:18).

Os ímpios, os quais o salmista contempla, *“matam a viúva e o estrangeiro e aos órfãos assassinam. E dizem: O SENHOR não o vê; nem disso faz caso o Deus de Jacó”* (Sl 94:6,7). O salmista mostra a insensatez dos perversos, pois *“o que fez o ouvido, acaso, não ouvirá? E o que formou os olhos será que não enxerga? Porventura, quem repreende as nações não há de punir?”* (Sl 94:9,10). O pecado dos ímpios os apanhará em suas próprias redes. *“Sobre eles faz recair a sua iniquidade e pela malícia deles próprios os destruirá; o SENHOR, nosso Deus, os exterminará”* (Sl 94:23).

Sem dúvida alguma, foi o zelo pelo nome e pela glória do Senhor que levou os salmistas a orarem nos termos fortes que encontramos nos Salmos imprecatórios. Ele suporta afrontas por amor a Deus: *“Pois tenho suportado afrontas por amor de ti e o rosto se me encobre de vexame”* (Sl 69:7). O zelo pela casa do Senhor o consome e os insultos que são dirigidos a Deus afrontam o salmista: *“Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim”* (Sl 69:9). Os inimigos do Senhor são os seus inimigos. O salmista aborrece aqueles que aborrecem ao SENHOR e abomina os que contra Deus se levantam (Sl 139:20,21). Entretanto, os ímpios, como animais teimosos, continuam a levantar-se e a falar com insolência contra o Senhor, mesmo sendo avisados do perigo que correm (Sl 75:4,5,7,8).

Uma vez que os salmistas aprenderam que a vingança pertence ao Senhor (Dt 32:35), eles confiam na justa retribuição realizada por Deus. Nós não gostamos desse termo, pois associamos a vingança a coisas negativas e pecaminosas. Olhamos para nós mesmos, seres caídos e finitos, e vemos que a vingança em nós é insensata, desmedida e pecaminosa. Todavia a vingança divina é diferente da nossa. Sua vingança não são impulsos descontrolados de raiva, mas, sim, sua justa retribuição e juízo contra os perversos. Sabendo, então, que a vingança pertence a Deus, os salmistas podiam orar: *“Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece. Exalta-te, ó juiz da terra; dá o pago aos soberbos”* (Sl 94:1,2).

Parece-me que a ausência de orações imprecatórias em nossos dias revela a nossa total indiferença em face do pecado, das injustiças e da opressão. É como se nós não vivêssemos no mundo real, onde a criminalidade assola, onde a corrupção mata; onde os poderosos cometem crimes e escapam; onde os aflitos são massacrados sem que ninguém a eles assista; onde o terrorismo exhibe aos olhos do mundo sua brutalidade; onde o evangelho é blasfemado e Deus ridicularizado. É neste mundo real que o povo de Deus deve-se encher de santa indignação e clamar a Deus: “*Até quando, SENHOR, os perversos, até quando exultarão os perversos?*” (Sl 94:3). O desejo final do salmista é ver Deus triunfar sobre todo o mal e colocar todos os seus inimigos debaixo de seus pés, a fim de que todos reconheçam que só o Senhor é Deus!

A respeito do Salmo 139:21: “Não aborreço eu SENHOR, os que te aborrecem? E não abomino os que contra ti se levantam?”, Calvino faz um importante comentário do sentimento que acompanhava Davi e que deve fazer parte de todo cristão piedoso que zela pela glória e pelo nome santo de Deus; ele diz: “Nosso apego à piedade será interiormente deficiente se não produzir aversão ao pecado, tal como Davi fala neste versículo. Se esse zelo pela casa do Senhor — o qual Davi menciona em outro lugar (Sl 69:9) — arde em nosso coração, é uma indiferença imperdoável contemplar em silêncio a justa lei de Deus ser violada e ver o seu santo nome ser desprezado pelos perversos”.^[30]

É esse mesmo sentimento que deve pulsar no coração dos cristãos hoje. O nosso Senhor Jesus nos ensinou a orar e a pedir a Deus: “*Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu*” (Mt 6:10). Segundo o Catecismo Maior de Westminster, nesta petição “reconhecendo que nós e todos os homens estamos, por natureza, sob o domínio do pecado e de Satanás, pedimos que esse reino seja destruído, que o evangelho seja propagado por todo o mundo, os judeus chamados e que a plenitude dos gentios seja trazida à igreja” (resposta à pergunta 191).

Quando oramos a “Oração do Senhor”, estamos desejando que o mal seja derrotado; o reino de Satanás, destruído; os inimigos, subjugados; e o evangelho, propagado por todo mundo. Desejamos que todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai (Fp 2:10,11). Aguardamos com expectativa o cumprimento da sua promessa de novos céus e nova terra, nos quais habita justiça (2Pe 3:13). Que Satanás seja completamente subjugado, juntamente com os homens perversos a ele associados. Aqueles que desprezam os Salmos imprecatórios não podem orar com sinceridade a oração ensinada por Cristo!

Os Salmos imprecatórios destacam a vitória e a majestade do Senhor. A esperança do salmista é que, ao demonstrar a sua santa ira, os inimigos reconheceriam a existência de um Deus soberano em Israel e, por fim, temeriam e louvariam ao Senhor. “*Consome-os com indignação, consome-os, de sorte que jamais existam e se saiba que reina Deus em Jacó, até aos confins da terra*” (Sl 59:13). O desejo do salmista era que os ímpios, ao serem confrontados com o juízo e a ira de Deus, se arrependessem dos seus pecados e se voltassem para o Senhor: “*Enche-lhes o rosto de ignomínia, para que busquem o teu nome, SENHOR. Sejam envergonhados e confundidos perpetuamente; perturbem-se e pereçam. E reconhecerão que só tu, cujo nome é SENHOR, és o Altíssimo sobre toda a terra*” (Sl 83:16-18).

Algo importante que nem sempre notamos é que Deus pode alcançar o coração dos pecadores por meio de juízos. Por meio deles, Deus pode quebrar a dureza e a obstinação de seus

corações, derribá-los de sua arrogância e levá-los a reconhecer que só o Senhor é Deus. Porventura não foi assim que Deus fez com Nabucodonosor e com Paulo? Quando Deus abateu a arrogância do rei Nabucodonosor, levando-o a comer ervas como os bois, o objetivo do juízo foi este: “...*Até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer*” (Dn 4:25).

Ao se cumprir o tempo determinado, findando, portanto, o seu castigo, o rei Nabucodonosor levantou os olhos ao céu, tornou-lhe o entendimento e ele disse: “*Eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?*” (Dn 4:34,35). Que declaração de reconhecimento da majestade do Altíssimo! Esse reconhecimento é mais explícito no verso 37, quando ele diz: “*Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba*”.

No Novo Testamento, vemos Saulo de Tarso assolando a igreja, entrando pelas casas; arrastado homens e mulheres, encerrando-os no cárcere (At 8:3). No versículo primeiro do capítulo 9, Saulo aparece “*respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor*”. Saulo era um homem que nutria um zelo violento e, para mantê-lo, não hesitava em perseguir a igreja do Senhor Jesus. No caminho de Damasco, o Senhor derramou seu juízo sobre Saulo, que ficou temporariamente cego. Por meio daquele juízo, o Senhor Jesus comunicou graça ao coração de Saulo, transformando-o em um instrumento para levar a mensagem do evangelho aos gentios.

No Salmo 2, vemos esse mesmo espírito de juízo e graça combinados. Esse Salmo é chamado de “messiânico”; é citado várias vezes no Novo Testamento para referir-se a Cristo. Nesse Salmo, a cena começa na terra, onde os homens ímpios estão amotinados, conspirando contra o Senhor e o seu Ungido (Sl 2:1-3). A cena, então, sai da terra e penetra os céus, onde Deus zomba dos adversários (v. 4). O Ungido do Senhor é quem foi constituído por Deus como o grande Rei (vv. 6-8), mas, em vez de julgar e destruir os ímpios amotinados imediatamente, Ele oferece termos de rendição (vv. 10-12). Para aquele que se refugiar nele, o Senhor o acolherá e este será chamado de bem-aventurado (v. 12), mas aqueles que insistirem em sua obstinação e continuarem trilhando seu caminho de rebeldia, sobre eles será derramado o juízo, de maneira assustadora (vv. 5,9,12).

Uma breve análise do Salmo 109 — considerado o mais veemente de todos os Salmos imprecatórios — faz-nos ver que Davi orava firmado na Palavra de Deus. Ao ser acusado falsamente (v. 2), Davi ora de acordo com as orientações da Palavra de Deus e pede que o Senhor inverta os papéis, fazendo com que a pena caia sobre os falsos acusadores (v. 6). A lei de Moisés dizia:

“*Quando se levantar testemunha falsa contra alguém, para o acusar de algum transvio, então, os dois homens que tiverem a demanda se apresentarão perante o SENHOR, diante dos sacerdotes e dos juizes que houver naqueles dias. Os juizes indagarão bem; se a testemunha for falsa e tiver testemunhado falsamente contra seu irmão, far-lhe-eis como cuidou fazer a seu irmão; e, assim, exterminarás o mal do meio de ti*” (Dt 19:16-19).

De acordo com o texto supracitado, as penas cairiam sobre aquele que acusasse falsamente uma pessoa. Conforme observa John MacArthur, “Essas imprecações não são maldições malignas, mas um clamor por justiça de acordo com a lei. Essas palavras duras não dizem respeito aos penitentes, mas aos impenitentes e insensíveis inimigos de Deus e de sua causa, cujo fim inevitável está selado”.^[31]

Joel Beeke chega à seguinte conclusão com relação aos Salmos imprecatórios:

“Esses salmos não expressam sentimentos não cristãos, como algumas pessoas alegam. Eles não são simples expressões de irritação ou ressentimento pessoais. Em vez disso, são um solene reconhecimento de que vivemos num mundo decaído entre pessoas que lutam contra Deus e seu Cristo e que o destino desse tipo de gente, se não se arrependerem, é tanto justo quanto certo. Em decorrência disso, nos Salmos imprecatórios, nós não oramos pedindo vingança pessoal, mas pedimos a glória de Deus e o bem da igreja.”^[32]

James M. Wilson, citando Tholuck, resume os motivos das orações imprecatórias dos salmistas como segue:

“Os salmistas, frequentemente, declaram sentimentos, como os seguintes, como motivos de suas orações pela punição de seus inimigos: que a santidade de Deus e seu governo justo do mundo sejam reconhecidos, para que a fé dos piedosos seja fortalecida, para que eles louvem a Deus, para que a altivez do ímpio seja trazida para dentro dos limites, para que eles saibam que Deus é o juiz justo do mundo, e que o cumprimento das suas gloriosas promessas não falhará”.^[33]

Ao contrário do que muitos pensam, os Salmos imprecatórios são consolo para nossa alma. Eles nos revelam que nosso sofrimento pela causa de Cristo não é em vão. As injustiças não passam despercebidas aos olhos santos de Deus, e o dia do acerto de contas chegará. As orações imprecatórias nos mostram que o perverso será punido e o justo recompensado, e que Deus é o Juiz de toda a terra. “*Então, se dirá: Na verdade, há recompensa para o justo; há um Deus, com efeito, que julga na terra*” (Sl 58:11).

“Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos” (Ap 19: 1,2).

CAPÍTULO II

OS SALMOS IMPRECATÓRIOS COMO ESCRITURA DIVINA

Quem falava pela boca de Davi quando ele escreveu os Salmos? Se você é um cristão que acredita na inspiração das Escrituras, então responderá com convicção que foi o Espírito Santo que inspirou Davi e os demais autores bíblicos. No entanto, por que esse mesmo princípio de inspiração parece ser negado quando se trata das imprecacões? A ideia parece ser a seguinte: em um dado momento, o Espírito Santo afastou-se dos autores bíblicos e os deixou expressar a amargura dos seus corações vingativos contra seus desafetos.

Porém não é isso que nos mostra as Escrituras. O testemunho da Escritura Sagrada em relação a Davi é este:

“São estas as últimas palavras de Davi: Palavra de Davi, filho de Jessé, palavra do homem que foi exaltado, do ungido do Deus de Jacó, do mavioso salmista de Israel. O Espírito do SENHOR fala por meu intermédio e a sua palavra está na minha língua” (2Sm 23:1,2).^[34] Observem que, desde o Antigo Testamento, as palavras registradas por Davi foram consideradas como sendo divinamente inspiradas por Deus, e o Novo Testamento confirma isso!

O apóstolo Paulo, escrevendo a sua segunda carta a Timóteo, declara: *“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que todo homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (2Tm 3:16,17). A expressão “inspirada por Deus” significa literalmente “soprada por Deus”. Quando Paulo diz que toda a Escritura é inspirada por Deus, ele está olhando, naquele momento, para o Antigo Testamento e, logicamente, o livro dos Salmos está incluído!

Hermisten Maia define inspiração “como sendo a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os homens separados por ele mesmo, a fim de registrarem de forma inerrante e suficiente a vontade de Deus, constituindo este registro na única fonte e norma de todo o conhecimento cristão”.^[35]

A igreja primitiva e seus primeiros líderes, ou seja, os santos apóstolos, fizeram uso dos Salmos imprecatórios sem envergonhar-se deles, confirmando assim sua autoridade como Palavra infalível de Deus. O Salmo 69, aquele mesmo no qual C. S. Lewis disse que havia um “requisite de maldade”, é utilizado livremente pelos apóstolos; é um dos Salmos preferidos da igreja primitiva e foi usado em várias ocasiões, como veremos a seguir.

O apóstolo Pedro fez uso dos Salmos imprecatórios para se referir a Judas Iscariotes, o filho da perdição. Assim diz o texto sagrado:

“Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu

anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus” (At 1:16). Aqui, há um claro e inequívoco testemunho da inspiração divina. O Espírito Santo inspirou as palavras de Davi — *“Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi”*. O salmista falou inspirado pelo Espírito Santo. Em sua carta, o mesmo apóstolo Pedro diz: *“Porque nunca jamais, qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21).* Não restam dúvidas: o Espírito Santo inspirou Davi a pronunciar sentenças imprecatórias!

Após reconhecer que Davi falou por inspiração do Espírito Santo, Pedro cita duas passagens extraídas do Livro dos Salmos escritos por Davi. Ele diz: *“Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: tome outro o seu encargo” (At 1:20).* Essas duas passagens são dos Salmos 69:25 e 109:8, claramente dois Salmos imprecatórios. Ao citar esses Salmos, Pedro não teve dúvidas em afirmar: O Espírito Santo inspirou Davi a escrever estas palavras. Que solene testemunho da inspiração e da autoridade dos Salmos imprecatórios!

O nosso Senhor Jesus também reconheceu que o Livro dos Salmos e, conseqüentemente, as palavras de Davi foram dadas por inspiração divina. Jesus disse: *“O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Mc 12:36).*

Essas são palavras do Salmo 110:1, as quais Cristo afirmou serem palavras de Davi, inspiradas pelo Espírito Santo. Como era de se esperar, Cristo reconheceu os Salmos como Escritura Sagrada, como Palavra de Deus. Em outra ocasião, Ele disse: *“São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24:44).*

A Epístola aos Hebreus diz que as palavras dos Salmos são palavras do Espírito Santo. O salmista escreve no Salmo 95:7: *“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração...”*. O escritor aos Hebreus então declara: *“Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 3:7).*

Na Escritura, Davi é visto como um protótipo ou um tipo de Cristo. Conforme bem observou Bonhoeffer: *“Segundo o testemunho da Bíblia, Davi, o rei ungido do povo eleito de Deus, prefigura Jesus Cristo. O que lhe sucede acontece por causa daquele que está nele e que descenderá dele, Jesus Cristo. Davi foi uma testemunha de Cristo em seu ministério, em sua vida, em suas palavras. Através dos Salmos, Davi já fala do Cristo prometido (Hb 2:12; 10:5) ou, como também é dito, o Espírito Santo (Hb 3:7). Portanto, as mesmas palavras de Davi são palavras do Messias vindouro. As orações de Davi foram oradas com Cristo ou, melhor, Cristo mesmo as orou através daquele que o precedeu”*.^[36] João Calvino também era da opinião de que Davi é uma figura de Cristo. Ele escreveu: *“Visto que Davi era uma figura de Cristo, não devemos admirar que os agentes do diabo fossem os principais responsáveis pelo furor que os inimigos sentiam contra ele. Esta é a razão por que ele censurava tão severamente o rancor e perfídia dos inimigos”*.^[37]

Aquilo que aconteceu a Davi apontava para o Senhor, e a igreja primitiva entendeu isso. Pelo menos em quatro ocasiões, os Salmos imprecatórios estiveram associados ao nosso Senhor Jesus. Por exemplo, o apóstolo João narra um episódio em que, na Páscoa dos judeus, Jesus, chegando ao templo e vendo o abusivo comércio que faziam em nome de Deus, tomou uma

atitude surpreendente:

“Tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio” (Jo 2:15,16).

Os discípulos viram na atitude de Jesus a mesma atitude do salmista Davi e fizeram esta associação: *“Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá” (Jo 2:17).* A reação e atitude de Davi no Salmo 69:9 são vividas pelo seu Filho, o Ungido Rei messiânico de Israel.

Assim como Davi foi odiado sem motivo, o Filho de Davi também o foi. Alertou os seus discípulos de que, por causa do seu nome, seriam odiados, pois, se odiaram o Mestre, quanto mais os seus servos. Então, Ele faz das palavras do salmista no Salmo 69:4 suas próprias palavras:

“Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como meu Pai. Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo” (Jo 15:24, 25).

É impressionante que, no momento de sua morte, o nosso Senhor se tenha lembrado do Salmo 69 e, de maneira intencional, cumprido o que o Salmo falava a respeito dele. Na hora de suplício e agonia, o nosso Senhor disse: *“Tenho sede”*. Ora, ao olhar para o sofrimento e esforço que o condenado enfrentava até o lugar da crucificação, carregando o madeiro em suas costas para depois ser pendurado numa cruz e permanecer ali durante algumas horas, podemos pensar que é justo que Cristo sentisse sede. Mas ele não disse *“tenho sede”* simplesmente para atender uma necessidade biológica, e sim para cumprir as Escrituras. Sim, o nosso Senhor morreu cumprindo as palavras do Salmo 69!

O apóstolo João escreveu: *“Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura disse: Tenho sede! Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca. Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (Jo 19:28-30).* Jesus cumpriu o Salmo 69:21, que diz: *“Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre”*. Nosso Senhor Jesus amava os Salmos; ele morreu com o Saltério nos lábios!

Joel Beeke, citando Johnston, recorda-nos que, “nas horas mais importantes da sua vida terrena, Jesus, o Filho de Deus, voltou-se para o Saltério em busca de palavras para expressar seus mais profundos pensamentos e emoções”.^[38] O nosso Senhor amava os Salmos; sim, todos eles!

Quando ele celebrou a sua última Páscoa e instituiu a Santa Ceia, celebrou a Deus Pai por meio de um hino. Diz o texto de Mateus 26:30: *“E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras”*. A tradição da Páscoa era cantar o *Hallel*, que consistia nos Salmos 113 a 118. Se Cristo cantou o *Hallel*, então estas palavras estiveram nos seus lábios:

“Todas as nações me cercaram, mas em nome do SENHOR as destruí. Cercaram-me, cercaram-me de todos os lados; mas em nome do SENHOR as destruí. Como abelhas me cercaram, porém como fogo em espinhos foram queimadas; em nome do SENHOR as destruí” (Sl 118:10-12).

Essa cena, narrada pelo Salmo citado acima, lembra-nos de Apocalipse 19:11-21, quando é

descrita a esmagadora vitória de Jesus Cristo contra a besta e o falso profeta e seus exércitos. Ao ver o exército do mal congregado contra o Senhor, o anjo convida as aves dos céus a participarem da grande ceia de Deus, na qual o prato será as carnes dos inimigos do Rei Jesus. O resultado da batalha é descrito nas seguintes palavras:

“Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 19:20-21).

Se Ele cantou o Hallel — o que é muito provável que tenha acontecido —, Ele cantou que os ídólatras sejam tão inúteis como os falsos deuses em que eles confiam: *“Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam”* (Sl 115:8).

O apóstolo Paulo associou o Salmo 69 ao Senhor Jesus Cristo. O Salmista havia dito no verso 9: *“As injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim”*. Em sua carta aos romanos, no contexto de liberdade e caridade cristã, Paulo diz que os fortes devem suportar as debilidades dos fracos e que não deveríamos agradar a nós mesmos, e sim o nosso próximo no que é bom para edificação; então ele olha para o Salmo 69 e o aplica a Cristo, dizendo: *“Porque também Cristo não se agradou a si mesmo; antes, como está escrito: As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim”* (Rm 15:3).

Ainda em sua carta aos romanos, mas agora falando da incredulidade dos judeus, o apóstolo Paulo olha para a experiência de Davi no Salmo 69:22,23 e aplica as mesmas palavras àqueles que rejeitam o Messias, o Filho de Davi:

“E diz Davi: Torne-se-lhes a mesa em laço e armadilha, em tropeço e punição; escureçam-se-lhes os olhos, para que não vejam, e fiquem para sempre encurvadas as suas costas” (Rm 11:9).

Paulo não fica corado de vergonha ao citar esse Salmo imprecatório, mas enxerga nele o juízo de Deus sobre os impenitentes. O juízo endurece e cega esses homens de tal maneira que seus olhos são escurecidos para que não vejam as realidades espirituais. Paulo não enxerga nessas palavras de Davi desejo de vingança pessoal, mas uma expressão exata do que acontece com os inimigos do Filho de Deus. O fato de essas passagens serem citadas de modo tão enfático no Novo Testamento, a concordância e o entrelaçamento dos Testamentos nessa matéria nos mostram que eles são importantes para o uso da igreja hoje!

O teólogo holandês Herman Bavinck descreve a atitude de Jesus e dos seus apóstolos em relação ao Antigo Testamento: “Jesus e os apóstolos nunca assumiram uma posição crítica em relação ao conteúdo do Antigo Testamento, mas aceitaram-no totalmente e sem reservas. Eles aceitaram incondicionalmente a Escritura do Antigo Testamento como verdadeira e divina em todas as suas partes, não somente em seus pronunciamentos ético-religiosos, mas também em seus componentes históricos”.^[39]

Dos aspectos históricos, o nosso Senhor Jesus citou, por exemplo, o assassinato de Abel (Mt 23:35); o dilúvio (Mt 24:37-39); os patriarcas (Mt 22:32; Jo 8:56); o juízo de Deus sobre Sodoma e sua destruição (Mt 11:23,24; Lc 17:28-33); a sarça ardente (Lc 20:37); a serpente no deserto (Jo 3:14); o maná (Jo 6:32); as histórias de Elias, Eliseu e Naamã (Lc 4:25-27); a glória e a riqueza do reinado de Salomão (Mt 6:28,29); Jonas no ventre do grande peixe (Mt 12:39-41)

etc. Contrariamente aos teólogos liberais, o nosso Senhor recebeu estes eventos históricos como reais, confiáveis, verdadeiros. Para Jesus, Jonas não era uma ficção ou uma “novela judaica”, mas um personagem real. Ele até mesmo usou a experiência de Jonas no ventre do grande peixe para falar de sua morte e ressurreição.

Para Jesus, as Escrituras do Antigo Testamento eram autoritativas e infalíveis; Ele chegou a dizer que elas não podem falhar (Jo 10:35). Ele chamou a lei do Antigo Testamento de “mandamento de Deus” (Mt 15:3,4). Quando confrontado por Satanás, respondeu a cada tentação do Maligno com uma citação do Antigo Testamento, mostrando assim a inspiração e autoridade deste. Para justificar sua conduta e provar o seu ensino, Jesus e os apóstolos recorriam ao Antigo Testamento (Mt 12:3; 22:23-32; Jo 10:34; Rm 4; Gl 3; 1Co 15 etc.). Para Jesus, a inspiração e a autoridade das Escrituras se estendiam até mesmo a uma só palavra, até mesmo um “i” ou um til estavam revestidos pela autoridade e inspiração de Deus! (Mt 5:18; Lc 16:17).

Além de ser um rei e compositor, Davi também era um profeta. O apóstolo Pedro assim se referiu a Davi: *“Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção”* (At 2:29-31).

Após mostrar que Davi era um profeta, Pedro nos leva de volta ao livro dos Salmos e nos expõe que Cristo é o centro do Saltério. Davi falou da ressurreição de Cristo. O texto que Pedro cita é do Salmo 16, quando Davi escreveu: “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16:10).

Além de falar da ressurreição de Cristo, Davi apontou para outros aspectos relacionados à vida e ao ministério do Messias. Ele falou de seu sofrimento e morte (Sl 22:1; comp. Mt 27:46); de sua vida de obediência à lei de Deus (Sl 40:7); da oposição do mundo contra ele (Sl 2:1-3; comp. At 4:23-27); odiado injustamente (Sl 35:19; comp. Jo 15:25); sua ascensão (Sl 68:18; comp. Ef 4:8); seu domínio e honra (Sl 110:1), a derrota dos seus inimigos (Sl 110:1; comp. 1Co 15:27; Hb 2:8,9); sua entrada triunfal em Jerusalém (Sl 118:26; comp. Mt 21:9); um sacerdote como Melquisedeque (Sl 110:4; comp. Hb 5:6; 6:20; 7:17).

A própria Escritura declara sua inspiração por Deus. “A inspiração é um fato ensinado pela própria Escritura. Jesus e os apóstolos nos deram seu testemunho sobre a Escritura. A Escritura contém ensino também sobre si mesma.”^[40] A Escritura declara ser ela fiel, pura e verdadeira.

- “A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos” (Sl 19:7,8);
- “Toda a palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam” (Pv 30:5);
- “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17);
- “Puríssima é a tua palavra; por isso, o teu servo a estima” (Sl 119:140).

Comentando o último versículo citado, Charles Spurgeon é poético ao escrever:

“Ela é verdade destilada, santidade em quintessência. Na Palavra de Deus não há mescla de erro ou pecado. Ela é pura em seu significado; pura em sua linguagem; pura em seu espírito; pura em sua influência; e tudo isso no mais elevado grau e superlativo — puríssima.”^[41]

Quando os profetas eram chamados por Deus, eles tinham consciência de que Deus falava por meio deles. Eles eram portadores da mensagem divina. A mensagem profética traz consigo a autoridade de Deus. Suas mensagens traziam como introdução o “Assim diz o SENHOR”, ou “Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo...”; tais declarações introdutórias visavam mostrar a autoridade e a inspiração divina da mensagem.

Herman Bavinck nos lembra de que: “A passagem de uma declaração de YHWH para uma declaração do profeta é frequentemente tão abrupta e as duas estão tão intimamente entrelaçadas (cf. Jr 13:18ss.) que a separação não é possível. Elas têm a mesma autoridade (Jr 36:10,11; 25:3). Em 34:16, Isaías chama [o volume de] suas próprias profecias registradas de livro de YHWH”.^[42]

Ao profeta Jeremias, o SENHOR assegurou: “Eis que ponho na tua boca as minhas palavras” (Jr 1:9). Para Moisés, Deus disse: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êx 4:12). Como vimos anteriormente, o testemunho a respeito de Davi é este: “O Espírito do SENHOR fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2Sm 23:2). Quando Davi escreveu seus Salmos, o Espírito Santo de Deus falava por seu intermédio. Em última análise, os Salmos de Davi são os Salmos do Espírito!

Não há dúvidas, esses homens falaram e escreveram sob a inspiração de Deus. Com isso, chegamos à conclusão de que os Salmos imprecatórios foram inspirados pelo Espírito Santo de Deus. Os Salmos imprecatórios são palavras de Deus. Os Salmos imprecatórios são apropriados ao povo de Deus. Eles não estão em desarmonia com o restante das Escrituras, mas ressaltam o que Paulo escreveu aos Romanos: “*Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas daí lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence à vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor*” (Rm 12:19). Eles estão em harmonia com a Torá (Dt 32:35), com o Novo Testamento e com as demais partes da Escritura divina. A vingança pertence ao Senhor! Esse é o ensino da Torá, dos Salmos, dos profetas e dos apóstolos. Por isso, não há prejuízo para o cristão que ora a Deus pedindo que Ele venha julgar e retribuir os nossos opressores. “*Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece. Exalta-te, ó juiz da terra; dá pago aos soberbos*” (Sl 94:1,2).

O caminho que alguns homens têm tomado em relação aos Salmos imprecatórios é um caminho perigoso e por vezes sem volta. Ao colocarem seus próprios sentimentos como fator determinante de interpretação, eles colocam em xeque a inspiração das Escrituras. A verdade passa a ser avaliada não pelo que Deus fala em sua Palavra, mas como o homem a reinterpreta e reformula de acordo com os seus próprios sentimentos.

Se olharmos para os Salmos imprecatórios, colocarmos os nossos sentimentos acima da revelação de Deus e começarmos a pensar que possuímos uma ética superior a daqueles homens, não demorará para chegarmos à triste e equivocada conclusão de que esses Salmos não são inspirados. Contudo, isso será só o começo do declínio. Todas as vezes em que nos depararmos com passagens difíceis, ali estará aquele critério sentimentalista sendo aplicado como critério

pessoal e absoluto de interpretação bíblica. Nesse tipo de visão, todas as vezes em que a Bíblia confrontar algum ponto de vista nosso ou ferir algum sentimento mal orientado, nós moldaremos as Escrituras como se fossem um pedaço de cera que o homem molda da forma que ele bem entende.

A triste situação que podemos constatar é que muitos têm ido até a Escritura com o intuito de corrigi-la ou melhorá-la, e não para extrair dela a verdade. Eles não se submetem à revelação. Na verdade, o desejo deles é que Deus tivesse revelado outra coisa diferente do que lemos nas páginas da Escritura. Isso abre a porta para a incredulidade. Assim, conscientemente ou não, solapam os alicerces da autoridade e da inspiração das Santas Escrituras e caem na armadilha do liberalismo teológico.

J. G. Vos colocou esse perigo nos seguintes termos:

“Aqueles que amam somente um aspecto dos Salmos, enquanto encontram outros aspectos alienados de sua vida religiosa, ou mesmo desagradáveis e ofensivos, já estão envolvidos num processo que, se não revertido, conduzirá no decorrer do tempo a uma completa rejeição do Saltério como manual de louvor. Isso não é tudo. Esse mesmo processo, se não detido, conduzirá no decorrer do tempo a um completo abandono da religião bíblica da redenção de um reino objetivo do mal, a um tipo de religião alienada, a um tipo de religião que é divorciada de fatos históricos e que é meramente subjetiva e idealista. Conduzirá a um tipo de religião que, ao invés de dizer ‘Eu creio no Senhor Jesus Cristo’, dirá: ‘Eu creio na bondade, verdade e beleza’. E neste idealismo subjetivo não há salvação.”^[43]

No fim de tudo, a questão dos Salmos imprecatórios vai girar em torno da inspiração e da autoridade da Palavra de Deus. Aqueles que se baseiam em suas próprias concepções ou conceitos de certo e errado, bem ou mal, rechaçarão esses Salmos como não inspirados; porém aqueles que se submetem à autoridade da Palavra aceitarão humildemente o que a Escritura lhes diz.

Finalizo este capítulo com uma solene advertência feita por Jay Adams: “O fato de haver algo na Palavra de Deus que está além do nosso entendimento não nos dá a oportunidade de questionar sua inspiração”.^[44]

CAPÍTULO III

DEUS RESPONDE ORAÇÕES IMPRECATÓRIAS?

Essa é uma pergunta extremamente importante para o nosso estudo. Quando me debrucei em busca de uma resposta na Escritura, confesso que fiquei surpreso. Segundo boa parte da cristandade, não podemos orar os Salmos imprecatórios. Segundo essas pessoas, esses Salmos não apenas devem ser vistos com desconfiança, mas também como inadequados para moldar nosso caráter, ética e espiritualidade.

Talvez ao ler o título deste capítulo (Deus responde orações imprecatórias?), sua resposta rápida seja um contundente e sonoro “*não!*”. Mas você tem convicção em sua resposta? Sobre qual fundamento ela repousa? Eu tenho algumas sugestões, algumas pistas, para percorrer e descobrir onde se fundamenta o seu *não!*

Quem sabe, assim como eu, você tenha sido treinado desde cedo a olhar Deus como um “bom velhinho”, incapaz de irritar-se com alguém. Você até mesmo evita falar de assuntos que possam comprometer a bondade do Senhor. Quando acontece alguma tragédia, você logo procura em sua mente eximir Deus de qualquer responsabilidade. Mas “*sucedará algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?*” (Am 3.6). Talvez sua intenção seja boa. Sua tentativa de “livrar” Deus de qualquer acusação é bem intencionada. Mas sabe de uma coisa? Ele não precisa dela!

Quando oramos, fazemo-lo na certeza de que o Senhor nos escuta (Sl 116.1-2). Nossas orações devem ser submissas à vontade de Deus. “*Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu*” é a convicção de um coração temente a Deus; é um explícito reconhecimento da soberania e governo divino. O desejo de que Deus seja glorificado orbita todas as nossas petições. Elevamos nossas vozes, coração e mente ao ser de Deus e seus atributos. É a vontade de Deus que o seu povo sinta fome e sede de justiça. É a vontade de Deus que o seu povo aguarde com grande expectativa a manifestação gloriosa de seu amado Filho Jesus Cristo, que triunfará sobre todo o mal. Esse é o mesmo desejo que perpassa as orações imprecatórias. A seguir, lhe mostrarei alguns exemplos extraídos das Escrituras.

Para muitas pessoas, o Salmo 137 é um dos mais escandalosos Salmos registrados na Escritura. Ele começa falando da saudade que o poeta sente da sua terra natal e do amor que tem pela cidade santa. Estando os israelitas cativos em terra estrangeira, a tristeza fez com que eles pendurassem suas harpas e cessassem as músicas, ainda que seus opositores pedissem zombeteiramente que estivessem alegres. Esse Salmo termina com um pedido assombroso:

“*Contra os filhos de Edom, lembra-te, SENHOR, do dia de Jerusalém, pois diziam: arrasai-a, arrasai-a até aos fundamentos. Filha da Babilônia, que hás de ser destruída, feliz aquele que te*

der o pago do mal que nos fizeste. Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra” (vv. 7-9).

O salmista pede que Deus vingue o seu povo; que derrame sua ira sobre Edom e Babilônia. A Babilônia destruiu Jerusalém e levou os sobreviventes cativos, e Edom ajudou e regozijou-se com as misérias do povo de Deus.

Deus, falando por meio do profeta Obadias, narra alguns crimes de Edom:

“Mas tu não devias ter olhado com prazer para o dia de teu irmão, o dia da sua calamidade; nem ter-te alegrado sobre os filhos de Judá, no dia da sua ruína; nem ter falado de boca cheia, no dia da angústia; não devias ter entrado pela porta do meu povo, no dia da sua calamidade; tu não devias ter olhado com prazer para o seu mal, no dia da sua calamidade; nem ter lançado mão nos seus bens, no dia da sua calamidade; não devias ter parado nas encruzilhadas, para exterminares os que escapassem; nem ter entregado os que lhe restassem, no dia da angústia” (Ob 1:12-14).

As acusações contra Edom são: 1) violência contra seu irmão (v. 10); 2) falta de socorro e participação na destruição do seu irmão (v. 11); 3) alegria diante da destruição de Judá (v. 12); 4) saquearem a cidade (v. 13); 5) impedirem que os fugitivos escapassem (v. 16).

O profeta Jeremias relata, com cores vivas e assombrosas, o que aconteceu às crianças naquele terrível cerco babilônico:

“Com lágrimas se consumiram os meus olhos, turbada está a minha alma, e o meu coração se derramou de angústia por causa da calamidade da filha do meu povo; pois desfalecem os meninos e as crianças de peito pelas ruas da cidade. Dizem às mães: Onde há pão e vinho?, quando desfalecem como o ferido pelas ruas da cidade ou quando exalam a alma nos braços de sua mãe” (Lm 2:11-12).

E ainda:

“A língua da criança que mama fica pegada, pela sede, ao céu da boca; os meninos pedem pão, e ninguém há que lho dê” (Lm 4:4).

“As mãos das mulheres outrora compassivas cozeram seus próprios filhos; estes lhe serviram de alimento na destruição da filha do meu povo” (Lm 4:10).

O terror tomou conta da cidade. Fome, fogo, lágrimas, violência, sangue, humilhação — tudo isso fazia parte do cenário. Os horrores da guerra estavam naquele lugar. As mulheres foram violadas sexualmente, os príncipes enforcados e os velhos humilhados: *“Forçaram as mulheres em Sião; as virgens, na cidade de Judá. Os príncipes foram por eles enforcados, as faces dos velhos não foram reverenciadas” (Lm 5:11-12).*

Contra estes, o salmista roga a Deus que os castigue duramente. Mas o pedido do salmista não provém de um desejo cego por vingança pessoal. O seu pedido fundamenta-se nas profecias anteriormente pronunciadas pelos santos profetas que foram movidos pelo Espírito Santo. Deus havia falado por meio do profeta Isaías: *“Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição” (Is 34:5).*

O profeta Isaías registra que Deus traria sobre Edom *“o dia da vingança do SENHOR, ano de retribuições pela causa de Sião” (Is 34:8).* E o profeta Jeremias diz que Edom seria um objeto de espanto, desolação e desprezo (Jr 49:13-17). No livro do profeta Ezequiel, nós temos

este registro:

“Porque assim diz o SENHOR Deus: Visto como bateste as palmas, e pateaste, e, com toda a malícia de tua alma, te alegraste da terra de Israel, eis que estendi a mão contra ti e te darei por despojo às nações; eliminar-te-ei dentre os povos e te farei perecer dentre as terras. Acabarei de todo contigo, e saberás que eu sou o SENHOR” (Ez 25:6-7; cf. Ez 35:1-15).

Contra a Babilônia, o Senhor havia falado por meio do profeta Isaías: *“As tuas vergonhas serão descobertas, e se verá o teu opróbrio; tomarei vingança e não pouparei a homem algum” (Is 47:3).* E ainda: *“Babilônia, a joia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou” (Is 13:19).*

E, por meio do profeta Jeremias, o Senhor disse: *“O SENHOR abriu o seu arsenal e tirou dele as armas da sua indignação; porque o Senhor, o SENHOR dos Exércitos, tem obra a realizar na terra dos caldeus” (Jr 50:25).* Essa obra que o SENHOR realizaria na Babilônia incluía o seu castigo pela maldade praticada contra o seu povo. Deus levantaria os medos e persas para abater a Babilônia: *“Aguçais as flechas! Preparai os escudos! O SENHOR despertou o espírito dos reis dos medos; porque o seu intento contra a Babilônia é para a destruir; pois esta é a vingança do SENHOR, a vingança do seu templo” (Jr 51:11).*

“Pagarei, ante os vossos próprios olhos, à Babilônia e a todos os moradores da Caldeia toda a maldade que fizeram em Sião, diz o SENHOR” (Jr 51:24). E ainda: *“A violência que se me fez a mim e à minha carne caia sobre a Babilônia, diga a moradora de Sião; o meu sangue caia sobre os moradores da Caldeia, diga Jerusalém. Pelo que assim diz o SENHOR: Eis que pleitearei a tua causa e te vingarei da vingança que se tomou contra ti” (Jr 51:35-36).*

O salmista está pedindo que Deus cumpra a sua palavra e tome vingança contra os adversários. O salmista está olhando para as profecias anteriormente pronunciadas e firmando nelas a sua confiança de que Deus fará justiça. O salmista está olhando para as profecias e rogando que Deus seja fiel à sua palavra e cumpra o propósito que estabeleceu.

Então, se você ficou perplexo com o pedido do salmista, ainda mais assombrado você ficará ao saber que Deus respondeu o seu pedido. Onde está Edom? Onde está Babilônia? No desenrolar da história, percebemos que Deus respondeu à oração do salmista e cumpriu a sua palavra, pois Edom e a Babilônia caíram!

Outro exemplo interessante é visto na vida do profeta Jeremias. Esse fiel profeta do SENHOR foi alvo da conspiração covarde e sedenta de sangue dos homens de Anatote. Eles diziam: *“Destruamos a árvore com seu fruto; a ele cortemo-lo da terra dos viventes, e não haja mais memória do seu nome” (Jr 11:19).* Eles não suportavam a mensagem profética de Jeremias. Eles queriam silenciar o profeta, nem que para isso precisassem matá-lo!

Jeremias apela para o caráter santo e justo de Deus, para a onisciência do SENHOR dos Exércitos que é capaz de sondar o mais íntimo do coração dos homens e ver neles suas motivações. Jeremias apresenta sua causa ao Senhor e espera ver a vingança divina ser derramada sobre seus inimigos (Jr 11:20). Eis a resposta do Senhor a Jeremias:

“Portanto, assim diz o SENHOR acerca dos homens de Anatote que procuram a tua morte e dizem: Não profetizes em o nome do SENHOR, para que não morra às nossas mãos. Sim, assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis que eu os punirei; os jovens morrerão à espada, os seus filhos e as suas filhas morrerão de fome. E não haverá deles resto nenhum, porque farei vir o mal sobre os homens de Anatote, no ano da sua punição” (Jr 11:21-23).

Em vez de dirigir uma palavra de censura ao profeta, Deus responde positivamente à sua oração! Ele mesmo, o Deus justo e verdadeiro, faria vir o mal sobre aqueles homens perversos. Deus mesmo os abateria! No mesmo livro do profeta Jeremias — agora no capítulo 18 —, novamente o vemos fazendo uma oração utilizando termos extremamente fortes contra os seus inimigos; e, mais uma vez, não vemos Deus corrigindo o profeta.

Os inimigos de Jeremias mentiam contra ele e tramavam tirar-lhe a vida. Em dado momento, o profeta havia-se apresentado diante de Deus, para interceder por eles, para que Deus desviasse deles a sua indignação (Jr 18:20). Os inimigos não acreditavam nas profecias que Jeremias estava anunciando. Um tempo de guerra e destruição viria contra a nação, mas, em vez de dar ouvidos ao profeta, eles tramavam matá-lo. Então, Jeremias ora a Deus e pede:

“Portanto, entrega seus filhos à fome e ao poder da espada; sejam suas mulheres roubadas dos filhos e fiquem viúvas; seus maridos sejam mortos de peste, e os seus jovens, feridos à espada na peleja. Ouça-se o clamor de suas casas, quando trouxeres bandos sobre eles de repente. Porquanto abriram cova para prender-me e puseram armadilha aos meus pés. Mas tu, ó SENHOR, sabes todo o seu conselho contra mim para matar-me; não lhes perdoes a iniquidade, nem lhes apagues o pecado de diante da tua face; mas sejam derribados diante de ti; age contra eles no tempo da tua ira” (Jr 18:21-23).

Se não entendermos o conceito de aliança, não entenderemos essas passagens. Jeremias não está cego pela vingança pessoal. Seus olhos estão bem abertos e atentos ao que diz a Escritura. Deus fez um pacto com seu povo. Prometeu bênçãos, caso eles fossem obedientes, e maldições, se eles fossem desobedientes aos termos do pacto (cf. Dt 28). As bênçãos decorridas da aliança são reais, como também são reais suas ameaças e maldições. *“Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses”* (Sl 16:4). As ameaças da aliança cumpriram-se em Samaria, no reino do Norte (cf. Dt 28:47-53; 2Rs 6:24-30) e, posteriormente, no reino do Sul (cf. Lamentações de Jeremias).

Convém notar que essas orações não brotaram de um homem insensato, sem temor a Deus. Foram pedidos daquele que foi separado para o ministério profético antes mesmo de nascer (Jr 1:5). O homem que fez de Deus o seu louvor (Jr 17:14). Um homem de oração e lágrimas, que possuía um coração de pastor para seguir a Deus e que, no dia do mal, fez de Deus o seu refúgio (Jr 17:16-17). É este santo homem de Deus que, diante das afrontas sofridas pelos inimigos de Deus e de sua causa, ora: *“Sejam envergonhados os que me perseguem, e não seja eu envergonhado; assombrem-se eles, e não me assombre eu; traze sobre eles o dia do mal e destrói-os com dobrada destruição”* (Jr 17:18).

Quando Neemias ouviu a situação dramática em que se encontrava Jerusalém, com seus muros derribados e suas portas queimadas, ele chorou, lamentou, jejuou e orou a Deus pedindo que o Senhor tivesse misericórdia do seu povo. Pela providência de Deus, o rei Artaxexes permitiu que Neemias fosse até Judá, a fim de reconstruir a cidade de Jerusalém.

Certamente, isso não seria feito sem muita oposição. Os inimigos da obra não desejavam o bem para com os filhos de Israel (Ne 2:10); eles zombaram e desprezaram aqueles que desejavam reedificar a cidade (Ne 2:19). Mentiam contra Neemias (6:5-8), subornaram homens para tentar enganar Neemias com uma falsa profecia (Nm 6:10-12). Eles ameaçavam e suscitavam confusão, e tentavam de todas as formas impedirem a reedificação da cidade. Contra esses homens, Neemias ora a Deus nos seguintes termos:

“Ouve, ó nosso Deus, pois estamos sendo desprezados; caia o seu opróbrio sobre a cabeça

deles, e faz que sejam despojo numa terra de cativo. Não lhes encubras a iniquidade, e não se risque de diante de ti o seu pecado, pois te provocaram à ira, na presença dos que edificavam” (Ne 4:4-5). Mais uma vez, vejam! É contra Deus que estes homens se levantam. É a ira de Deus que eles provocam, quando mentem, subornam, fazem confusão; porque não querem bem ao povo de Deus. Neemias pede que Deus retribua o mal que eles praticam contra o seu povo!

Davi pediu a Deus que o livrasse de todos os seus inimigos, é claro que isso incluía a morte de alguns deles. *“Livra-me, Deus meu, dos meus inimigos; põe-me acima do alcance dos meus adversários”* (Sl 59:1). Deus atendeu à oração de Davi, pois a Escritura nos diz: *“Falou Davi ao SENHOR as palavras deste cântico, no dia em que o SENHOR o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul”* (2Sm 22:1).

No fim de seus dias, Davi se pôs a lembrar de todo o bem que o Senhor fizera em sua vida (cf. 2Sm 22). Ele se lembra de como Deus o capacitou (vv. 33-36; 40-41) e lhe deu livramento (vv. 18-20). Ao lembrar-se de tudo isso, Davi rompe em clamor e diz: *“Vive o SENHOR, e bendita seja a minha Rocha! Exaltado seja o meu Deus, a Rocha da minha salvação! O Deus que por mim tomou vingança e me submeteu povos; o Deus que me tirou dentre os meus inimigos; sim, tu que me exaltaste acima dos meus adversários e me livraste do homem violento”* (2Sm 22:47-49). Davi confiou a vingança ao Senhor, e Ele tomou vingança pelo seu servo!

Esquecendo-se de todo o bem que o sacerdote Joiada havia feito ao rei Joás, depois da morte deste, os príncipes de Judá vieram até o rei e deixaram o Senhor e a sua casa, e se voltaram aos postes-ídolos. Zacarias, filho de Joaida, levantou-se e denunciou, em nome do Senhor, a idolatria do povo. Falando em nome do Senhor, Zacarias disse: *“Assim diz Deus: Por que transgredis os mandamentos do SENHOR, de modo que não prosperais? Porque deixaste o SENHOR, também ele vos deixará”* (2Cr 24:20). Aqueles homens endurecidos não deram ouvidos às santas advertências providas de Deus; antes, conspiraram contra Zacarias, e, por mandado do rei, ele foi apedrejado no pátio da Casa do SENHOR. *“Assim, o rei Joás não se lembrou da beneficência que Joiada, pai de Zacarias, lhe fizera, porém matou-lhe o filho”* (2Cr 24:22).

Antes de morrer, Zacarias disse: *“O SENHOR o verá e o retribuirá”* (2Cr 24:22). Na continuação do texto, vemos o que aconteceu a Joás. O SENHOR fez com que os siros vencessem a Judá e ferissem gravemente a Joás. Estando no leito, gravemente ferido, *“conspiraram contra ele os seus servos, por causa do sangue dos filhos do sacerdote Joiada, e o feriram no seu leito, e morreu”* (2Cr 24:25). De fato, Deus viu e retribuiu. A oração de Zacarias foi ouvida!

Outro caso interessante aconteceu na vida do profeta Eliseu. Escolhido por Deus e recém empossado no lugar do profeta Elias — que havia sido levado ao céu —, o texto sagrado fala de alguns jovens que se puseram a zombar daquele profeta. Assim diz o texto: *“Então, subiu dali a Betel; e, indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhes: Sobe, calvo! Sobe, calvo! Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do SENHOR; então duas ursos saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles”* (2Rs 2:23-24).

Tenho algumas considerações importantes a fazer sobre esse texto. O termo traduzido aqui por “rapazinhos” não se refere a crianças, mas a pessoas com 20 anos ou mais (1Rs 3:7). Ou seja, esses rapazes sabiam muito bem o que estavam fazendo. Esses rapazes escarneciam

maliciosamente do profeta de Deus. O texto diz que esse episódio aconteceu em Betel. Essa cidade era um dos centros de idolatria em Israel (1Rs 12:28-33; Am 7:13). A expressão “Sobe” refere-se à ascensão de Elias, que era recente e certamente comentada em vários lugares. O que aqueles jovens arrogantes estavam dizendo era o seguinte: “Se você é de fato um homem de Deus, então por que você não sobe ao céu como Elias fez?”.

Ao dizer essas palavras maldosas, esses jovens não demonstravam respeito pelo Senhor e seus servos, os profetas. Eliseu invocou, em nome do Senhor, uma maldição sobre eles, e Deus atendeu a oração do profeta! Interessante notar que uma das advertências de Deus, na aliança com o povo, era que enviaria animais selvagens para atacar o povo, caso fossem desobedientes (Lv 26:21-22). A maldição da aliança caiu sobre eles!

Outro personagem enigmático é Sansão. Ele era um nazireu e juiz em Israel, lembrado por sua força descomunal. Ao ser traído por Dalila e ter seus olhos vazados pelos filisteus, Sansão se torna um objeto de escárnio dos seus inimigos. Ao ver seu inimigo derrotado, os filisteus promovem uma verdadeira festa ao seu deus Dagom (Jz 16:23-24). Em meio ao desprezo e zombaria, Sansão ora ao Senhor seu Deus e diz: “*SENHOR, peço-te que te lembres de mim, e dá-me força só esta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus, ao menos por um dos meus olhos*” (Jz 16:28).

A maioria das vezes que ouvimos pregações ou comentários sobre Sansão, são enfatizados apenas os seus pecados e sua insensatez. Mas a Escritura não tem apenas isso para falar de Sansão. Ela também nos fala de sua fé. Sansão é contado entre os heróis da fé (Hb 11:32). No relato de sua morte, no apagar das luzes, Sansão diz: “*Senhor, peço-te que te lembres de mim*”; confiança e arrependimento brotam do coração deste santo.

Seu pedido é atendido. Deus restaurou sua força, e Sansão alcançou, mais uma vez, a vitória sobre seus terríveis inimigos. “*Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio, em que se sustinha a casa, e fez força sobre elas, com a mão direita em uma e com a esquerda na outra. E disse: Morra eu com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela estava; e foram mais os que matou na sua morte do que os que matara na sua vida*” (Jz 16:29-30).

O apóstolo Paulo também fez uma dura oração contra os inimigos do Evangelho de Jesus Cristo. Na sua luta contra os judaizantes que insistiam que os cristãos se submetessem à circuncisão, o apóstolo Paulo desejou: “*Tomara até se mutilassem os que vos incitam à rebeldia*” (Gl 5:12). O desejo do apóstolo Paulo era que aqueles que insistiam na circuncisão para os cristãos tivessem o seu órgão genital mutilado no momento do corte em seus prepúcios!

João Calvino, citando João Crisóstomo, escreve: “Eles despedaçam a igreja por causa da circuncisão; desejo que sejam totalmente mutilados”.^[45] Segundo Calvino, “as pessoas piedosas são levadas, às vezes, para além da consideração dos homens, fixando seus olhos na glória de Deus e no reino de Cristo. A glória de Cristo, a qual é, em si mesma, mais excelente do que a salvação dos homens, precisa receber de nós um grau mais elevado de estima e consideração. Os crentes sinceramente desejosos de que a glória de Deus seja promovida esquecem os homens e o mundo, preferindo que todo o mundo pereça, mas que a glória de Deus não seja ofuscada”.^[46] O reformador Calvino enxerga, por trás do desejo de Paulo, a alta estima e consideração pela glória de Deus e o reino de Cristo. Paulo tinha os olhos fixos na glória de Deus e ver os judaizantes tentando ofuscar essa glória era inconcebível para o apóstolo Paulo.

O mesmo Paulo já havia alertado aos gálatas da seriedade de se perverter a mensagem do evangelho de Jesus Cristo. Ele escreveu: *“Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”* (Gl 1:8). O desejo de Paulo é que a maldição divina recaia sobre aqueles que pregam um falso evangelho. Ao olharmos para os mercadores da fé, os falsos apóstolos que roubam as pessoas utilizando o santo nome de Deus, que pervertem a Escritura intencionalmente e propagam mentiras afastando as pessoas ainda mais de Deus, não deveríamos nós também nos encher de santa indignação?

Aos coríntios, o mesmo apóstolo escreveu: *“Se alguém não ama o Senhor, seja anátema. Maranata!”* (1Co 16:22). Leon Morris comenta: “Paulo lança uma solene maldição sobre quem não ama o Senhor. A forte expressão é indicativa dos sentimentos de Paulo quanto à importância de uma atitude correta para com o Senhor. Se o coração de um homem não está inflamado de amor pelo Senhor, falta-lhe o que há de fundamental. É um traidor da causa do direito. Paulo não contempla passivamente uma pessoa assim”.^[47]

No capítulo 6 de Apocalipse, vemos as almas daqueles que foram mortos por amor à Palavra de Deus orarem assim: *“Até quando, ó soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”* (Ap 6:10). Os santos martirizados clamam pela justiça de Deus. E, conforme nos ensina a Confissão Belga, “eles presenciarão a vingança terrível de Deus contra os ímpios que os tiranizaram, oprimiam e atormentaram neste mundo. [...] Assim, ficará manifesto que a causa deles, que agora por muitos juízes e autoridades está sendo condenada como herética e ímpia, é a causa do Filho de Deus” (Artigo 37). Para fundamentar este ponto, a Confissão Belga cita Apocalipse 18:20: *“Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa”*.

Observem que, no texto citado acima, os santos são chamados a alegrar-se com o juízo de Deus derramado sobre os ímpios. Sua alegria não é ver homens no inferno, mas saber que a justiça de Deus foi realizada e seu nome exaltado!

John Knox, o patriarca do presbiterianismo, viveu numa época de superstição e violência, que marcavam as terras da Escócia e outras partes do continente. A Escócia de John Knox era um território hostil, marcado pelo clero corrupto, imoral e avarento. Talvez ninguém personificasse tanto essas características como o Cardeal David Beaton. Ele estava disposto a arrasar e destruir a causa da reforma na Escócia. Perseguidor voraz dos servos de Cristo, ele prendia e assistia com prazer sórdido às execuções.

Quando George Whisart, mentor de John Knox, foi preso e condenado a queimar na fogueira, lá estava Beaton, assistindo a tudo com uma alegria sádica. Além do Cardeal, Knox tinha que lidar com a fúria sangrenta perpetrada por rainhas e reis ímpios e idólatras. Pela causa de Jesus Cristo que era ameaçada na Escócia, John Knox orou assim:

“Reprima o orgulho destes tiranos sedentos de sangue; consuma-os em tua ira conforme a repreensão que fizeram contra teu santo nome. Derrama sobre eles a tua vingança, e que nossos olhos contemplem o sangue de teus santos ser requerido das mãos deles. Não demores em tua vingança, ó Senhor! Que os devore velozmente a morte; que a terra os engula; desçam eles para os infernos.”^[48]

Comentando essas orações de John Knox, Douglas Bond nos concede uma importante observação:

“Achamos que o fato de não gostarmos de orações e declarações imprecatórias na Bíblia são [sic]

um avanço que demonstra sermos pessoas mais amáveis do que homens como Knox. Questiono isso. Talvez seja indicativo maior que tenhamos capitulado a uma era de tolerância que não acredita mais na realidade do ranger os dentes do juízo final de Deus.”^[49]

Vemos claramente na Escritura que, por muitas vezes, Deus fez com que o mal caísse sobre a própria cabeça dos malfetores. Poderia citar várias passagens bíblicas, mas escolhi apenas estas:

“Abre, e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz. A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência” (Sl 7:15-16).

“Afundam-se as nações na cova que fizeram, no laço que esconderam, prendeu-se-lhes o pé. Faz-se conhecido o SENHOR, pelo juízo que executa” (Sl 9:15-16).

“Quem abre uma cova nela cairá; e a pedra rolará sobre quem a revolve” (Pv 26:27).

“Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu mafeito tornará sobre tua cabeça” (Ob 1:15).

“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7).

Vemos esse princípio em ação na história da rainha Ester, quando Hamã, o “Hitler do Antigo Testamento”, procurava aniquilar o povo judeu, tramando contra eles e principalmente desejando matar a Mordecai. Hamã mandou fazer uma forca e pretendia enforcar nela o servo do Senhor; mas seus planos diabólicos foram descobertos, e o fim de Hamã foi este: *“Enforcaram, pois, Hamã na forca que ele tinha preparado para Mordecai”* (Et 7:10). A sua malícia caiu sobre sua própria cabeça!

Numa outra ocasião, o povo judeu se achava no Egito, e o Faraó intentou matar todas as crianças do sexo masculino. Ele incentivou o seu povo a participar desse programa de extermínio: *“Então, ordenou Faraó a todo o seu povo, dizendo: A todos os filhos que nascerem dos hebreus lançareis no Nilo, mas a todas as filhas deixareis viver”* (Êx 1:22).

O juízo de Deus foi terrível. Faraó e os egípcios queriam afogar os recém-nascidos. Deus afogou os inimigos do seu povo: *“Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército; e os seus capitães afogaram-se no mar Vermelho. Os vagalhões os cobriram; desceram às profundezas como pedra”* (Êx 15:4-5).

Aqueles que tramaram contra Daniel e fizeram com que ele fosse lançado na cova dos leões acabaram sofrendo a mesma penalidade. Daniel foi liberto milagrosamente, e o fim daqueles homens foi terrível: *“Ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens que tinham acusado a Daniel, e foram lançados na cova dos leões, eles, seus filhos e suas mulheres; e ainda não tinham chegado ao fundo da cova, e já os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos”* (Dn 6:24).

A trama dos homens maus contra Daniel resultou em glória ao Senhor e fez que o seu nome fosse ainda mais conhecido. Por meio de um decreto, o rei Dario ordenou a todo o seu reino que *“os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel, porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre; o seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim. Ele livra, e salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra; foi ele quem livrou a Daniel do poder dos leões”* (Dn 6:26-27).

Tanto a literatura canônica como a literatura apócrifa falam dos castigos de Deus contra

os homens perversos e poderosos que oprimem o seu povo. Podemos notar certo paralelo entre o capítulo nove do segundo livros dos Macabeus com o capítulo doze de Atos dos Apóstolos. Temos, nos dois casos, dois governantes perversos e arrogantes, Antíoco e Herodes. Segundo o relato de Macabeus, a soberba de Antíoco era tão grande que “se tinha lisonjeado que podia até mandar às ondas do mar, e pesar numa balança os mais altos montes” (2Mac 9:8). Ele disse com orgulho que iria “a Jerusalém, e faria dela um sepulcro de cadáveres amontoados de judeus” (2Mac 9:4).

Herodes, de modo semelhante, nutria ódio contra o povo de Deus, como nos informa os primeiros versos de Atos 12: *“Por aquele tempo, mandou o rei Herodes prender alguns da Igreja para os maltratar, fazendo passar a fio de espada a Tiago, irmão de João. Vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu, prendendo também a Pedro. E eram os dias dos pães asmos”* (At 12:1-3).

Maus tratos, prisão e morte são as armas intimidatórias de Herodes. O relato conta que Pedro foi milagrosamente solto da prisão, frustrando a maldade de Herodes e as expectativas do povo judaico (At 12:7-17). Herodes vai pra Cesareia mediar um conflito entre seu governo e os habitantes de Tiro e de Sidom. *“Em dia designado, Herodes, vestido de traje real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra; e o povo clamava: É voz de um deus, e não de homem! No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, comido de vermes, expirou”* (At 12:21-23).

Voltando ao relato dos Macabeus, o texto diz que, quando Antíoco falava palavras ofensivas e cheias de ódio contra os judeus, “o Senhor Deus de Israel, que vê todas as coisas, feriu a este príncipe com uma chaga incurável, e invisível. Porque no momento em que ele proferiu estas mesmas palavras, o assaltou uma terrível dor de entranhas, e uns cruéis tormentos dos intestinos; e com assaz justiça, pois que ele mesmo tinha rasgado as entranhas aos outros por muitas e novas maneiras de tormentos, se bem apesar do que de nenhum modo tinha cessado sua malícia” (2Mac 9:5-6).

A cena de Herodes “comido de vermes” sucede com Antíoco. “Tanto assim que do corpo deste ímpio saíam bichos a ferver” (2Mac 9:9). Segundo o relato, o mau cheiro que saía dele era tão horrível que ninguém conseguia chegar perto. “E aquele que pouco antes cuidava que podia tocar até as estrelas do céu, agora ninguém podia suportar por causa dos insuportáveis eflúvios do mau cheiro que saía dele” (2Mac 9:10). Sem suportar o seu próprio mau cheiro, ele disse assim: “É justo que o homem seja sujeito a Deus, e que quem é mortal não queira pôr-se ombro por ombro com o mesmo Deus” (2Mac 9:12).

No livro de Apocalipse, continuamos vendo este mesmo princípio da justiça retributiva. Quando o terceiro anjo derrama a taça da cólera de Deus sobre os rios e as fontes das águas, percebemos esse mesmo princípio do juízo divino em ação. O texto sagrado diz:

“Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. Então, ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas cousas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso. Ouvi do altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos” (Ap 16:4-7).

Gosto de como a NVI (Nova Versão Internacional) coloca o verso 6: *“pois eles derramaram o sangue dos teus santos e profetas, e tu lhes deste sangue para beber, como eles merecem”*. Vemos o mesmo princípio no Salmo 28:4: *“Paga-lhes segundo as suas obras,*

segundo a malícia dos seus atos; dá-lhes conforme a obra de suas mãos, retribui-lhes o que merecem”.

Na passagem de Apocalipse 16:4-7, enquanto os homens perversos recebem o juízo, ouve-se a voz que vem do altar, exaltando o poder de Deus e a sua justiça retributiva: “[...] *verdadeiros e justos são os teus juízos*” (16:7). Deus julga a causa de seu povo, e os santos alegram-se com a justiça do Senhor (Ap 18:20; 19:1-2). Esse é o mesmo sentimento do Salmo 58:11: *“Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança”*.

Geerhardus Vos nos lembra que “Deus lida com as nações de acordo com o tratamento que elas dão ao Seu povo do pacto, à Sua igreja. Deus disse a Abraão: ‘Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra’ (Gn 12:3). [...] continua sendo verdade que Deus abençoará àqueles que abençoarem Sião e amaldiçoará àqueles que o amaldiçoarem”.^[50]

Finalizo com a perspicaz observação de Frans Van Deursen que, ao analisar as passagens difíceis dos Salmos, escreveu: “A crítica a este salmo não traz o desejo de ter outro Deus de que Isaías e outros profetas nos anunciam? A crítica ao salmo conduz a crítica ao Deus das Sagradas Escrituras, o qual tem um assunto pendente com seus inimigos e nele também buscará seu direito”.^[51]

CAPÍTULO IV

O DEUS QUE TEMOS E O QUE MUITOS GOSTARIAM DE TER

Muitos cristãos já ouviram falar de Jonathan Edwards e do seu famoso sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado”^[52], mas poucos conhecem o conteúdo desse sermão.

Edwards pregou esse poderoso sermão com um senso de urgência muito grande. Ele mostrou o perigo em que se encontra o homem sem Deus. As almas impenitentes estão em situação extremamente desesperadora. Ao mesmo tempo que Deus mostra a sua bondade, preservando com vida os ímpios, o cálice da sua ira vai se enchendo contra eles. Entre as muitas expressões duras que encontramos nesse sermão, podemos destacar estas:

“A fúria de Deus arde contra eles, sua condenação não demora. O abismo está preparado, o fogo está pronto, a fornalha incandescente está ardendo, pronta para recebê-los. As chamas vermelhas queimam. A espada luminosa foi afiada e pesa sobre suas cabeças. O inferno abriu a sua boca debaixo deles.”

“O diabo está pronto a cair sobre os ímpios, para apoderar-se deles como coisa sua, no momento em que Deus o permitir. Eles lhe pertencem, suas almas encontram-se em seu poder e sob seu domínio. As Escrituras os apresentam como propriedade de Satanás (Lc 11:21). Os demônios os espreitam, estão sempre ao seu lado, à sua direita, esperando por eles como leões esfaimados e enfurecidos que veem *[sic]* a presa, aguardando a hora de agarrá-la, mas são restringidos por enquanto. Se Deus retirasse sua mão, a qual os refreia, eles cairiam sobre suas pobres almas num instante. A velha serpente está pronta a dar o bote. O inferno escancara sua boca para recebê-los. E se Deus permitisse, seriam rapidamente engolidos e consumidos.”

“Os homens não convertidos caminham por cima das profundezas do inferno, sobre uma superfície frágil onde existem várias *[sic]* áreas quebradiças, também invisíveis, as quais não conseguirão aguentar o seu peso. As flechas da morte voam ao meio-dia sem serem vistas. O olhar mais atento não pode distingui-las. Deus tem muitas maneiras diferentes e misteriosas de tirar os homens pecadores do mundo e despachá-los para o inferno.”

“O arco da ira de Deus já está preparado, e a flecha ajustada ao seu cordel. A justiça aponta a flecha para vosso coração, e estica o arco. E nada, senão a misericórdia de Deus — um Deus irado! — que não se compromete e a nada se obriga, impede que a flecha se embeba agora mesmo do vosso sangue.”

Esse sermão de Edwards é um típico sermão puritano. Os puritanos, muitas vezes, eram criticados por encurralar e prender os pecadores com as ameaças divinas. Assim como Edwards, eles viam o pecado como algo terrível, que despertava a santa e justa ira de Deus. Os pecadores não poderiam enfrentar um Deus irado. Eles precisavam ser reconciliados com Ele, eles

precisavam se voltar em contrição e arrependimento, e abandonar os seus caminhos de perversidade. Assim, Edwards finaliza o seu sermão com estas palavras de apelo cheio de compaixão:

“Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar (Isaías 55:6-7).’ Amém.”

Penso que esse sermão pregado por Edwards não teria lugar em nossos dias. Não porque ele não seja bíblico, pelo contrário, ele é completamente bíblico! Mas o fato triste constatado pelo simples observador é que as mensagens de hoje enfatizam apenas um aspecto do ser de Deus. Se a mensagem de Edwards fosse pregada hoje, muitos rangeriam os dentes, cerrariam os punhos e gritariam com todo o pulmão: “Pare com estas palavras, esse não é o nosso Deus!”

Se pedíssemos às pessoas na igreja, ou até mesmo nas ruas, que mencionassem alguns atributos de Deus, certamente o amor estaria incluído, ou talvez fosse o único lembrado. Vemos adesivos nos carros, ou jovens segurando uma faixa no semáforo com as seguintes palavras: “Jesus te ama”. Ou trocadilhos como este: “Deus odeia o pecado, mas ama o pecador”. É verdade que Deus é amor, e a igreja louva a Deus pelo seu amor. Mas o amor não é o único atributo de Deus.

Essa ênfase no amor de Deus, em detrimento de seus outros atributos, acaba nos concedendo uma visão unilateral de Deus, mutilando assim o Deus revelado na Escritura. Além disso, ao perdermos de vista atributos como justiça, majestade, santidade, perdemos também a reverência devida ao Senhor Deus. Por causa de sua santidade, devemos nos aproximar dele com temor e tremor. Sua santidade excelsa não nos permite aproximar-nos desleixadamente. Os atributos de Deus não são colocados diante de nós como se estivéssemos em um *self-service*, onde você coloca no seu prato apenas aquilo que lhe apetece, mas eles compõem o ser de Deus, são intrínsecos a Ele, de modo que o seu amor não pode ser separado de sua santidade; a misericórdia não se separa da majestade, nem o seu amor de sua justiça.

O teólogo holandês Herman Bavinck coloca a questão da seguinte maneira: “Todo atributo de Deus é precioso para os crentes. Eles não podem ficar bem sem qualquer um deles. Eles não desejam nenhum outro Deus além do Deus verdadeiro, que se revelou em Cristo, e eles realmente se gloriam em todas as suas perfeições. Sua adoração, seu amor, suas ações de graças e seu louvor são provocados não somente pela graça e pelo amor de Deus, mas também por sua santidade e justiça, não somente pela bondade de Deus, mas também por sua onipotência, não somente por seus atributos comunicáveis, mas também por seus atributos incommunicáveis”.^[53]

Se tentarmos adorar a Deus amando apenas os atributos que julgamos úteis para a humanidade, ou seja, olhando apenas para o amor e graça e rejeitando atributos como justiça e santidade, traremos um tremendo prejuízo para a fé e a vida cristã. Devemos louvar a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele faz. Se há algo que não entendemos, ou que não gostamos nas Escrituras, o problema não está em Deus, mas em nós. Não é Deus quem precisa mudar ou melhorar, pois não se melhora o que já é perfeito; mas somos nós que precisamos ter nossa arrogância abatida e nossa rebeldia subjugada, pois pensar que a justiça retributiva não é digna de Deus, mesmo quando a Escritura nos mostra o contrário, é uma clara evidência de nossa rebelião.

A visão unilateral de Deus, no caso que estamos tratando, uma visão focada apenas no

amor, afeta outras doutrinas cristãs. Por exemplo, um dia uma mulher cristã disse-me: “Eu não acredito no inferno. Afinal de contas, Deus é amor, e um lugar de tormento eterno seria contrário ao seu amor”. Procurei mostrar para ela que Jesus, o enviado do Pai, o humilde Salvador de pecadores, falou muitas vezes de um lugar de tormento eterno. A premissa dela estava errada e sua conclusão também. Acredito que, muitas vezes, essas pessoas são até bem intencionadas, embora sua boa intenção não encubra seu grosseiro engano. Ao negar o inferno, elas pretendem “aumentar” o amor de Deus e “livrá-lo” de qualquer acusação injusta. Mas, ao tentar tornar o amor de Deus “maior”, acabamos por jogar fora outros atributos da Divindade e caindo em grave heresia!

J. Geerhardus Vos diz que “ao enfatizar o amor de Deus, a religião moderna deixou de lembrar que o amor é só um dos aspectos do ser de Deus. Jamais podemos nos esquecer da majestade, da santidade e da justiça de Deus. Devemos sempre ter em mente que Deus não é alguém conhecido por acaso a quem podemos tratar como bem entendermos; Deus é o infinito, eterno e imutável Criador e Governador do universo”.^[54]

Em nossos dias, muitas pessoas apresentam o amor de Deus como se fosse uma licença para pecar. Assim fazem as chamadas igrejas inclusivas. Seu *slogan* é: “Deus é amor e me aceita como eu sou”. Essas pessoas transformam a graça do nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor (Jd 1:4). A ideia errada que essas pessoas alimentam é a de que, se Deus nos ama, Ele nos aceitará do nosso jeito. Assim fabricamos um deus conforme a nossa imagem e semelhança. A graça de Deus é abusada, pelo entendimento errado que se tem de Deus e do seu amor. “*Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei e porei tudo à tua vista*” (Sl 50:21).

Mas se eu lhe disser que Deus está irado contra boa parte dos homens, você acreditaria? O apóstolo Paulo declara: “*A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça*” (Rm 1:18). João Batista tropeja essa verdade da seguinte maneira: “*quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus*” (Jo 3:36). Deus está irado contra todos aqueles que não creem no seu Filho. Os ímpios serão lançados no inferno e todas as nações que se esquecem de Deus (Sl 9:17).

Há homens que Deus odeia. Há almas que o Senhor abomina (Sl 5:6; Pv 6:16-19). Cristo, o mesmo que veio anunciar o ano aceitável do SENHOR, trará a vingança do nosso Deus (Is 61:2). Eu sei que isso é assustador, como muitas pessoas nas igrejas modernas, eu também fui acostumado a uma visão unilateral de Deus. Também fui acostumado a ver o pecado de modo superficial. O choque que temos com essas verdades reflete a visão rasa que temos das coisas. Mas a Escritura não mente e não erra, quando afirma essas coisas, mesmo muitos não gostando delas. Mas o homem de Deus deve viver pela fé e fé na Palavra de Deus.

Não devemos ser “ciclopes teológicos”. Não podemos ser teólogos de um olho só. Precisamos abandonar a visão unilateral de Deus e olhar para Deus como Ele é — não como nós gostaríamos que Ele fosse. Devemos aceitar a revelação de Deus como a Escritura nos mostra. Não podemos tentar mutilar a divindade, para tentar formar o nosso próprio deus. Não precisamos tentar “limpar” a Palavra de Deus; ela é puríssima!

O Deus que é lembrado e adorado pelo seu amor também deve ser lembrado e adorado pelos seus juízos, ira, poder, santidade etc. A justiça faz parte intrínseca do ser de Deus. Desde os

tempos antigos, Deus é chamado de “Juiz de toda a terra” (Gn 18:25); “*Ele ama a justiça e o direito*” (Sl 33:5); “*justiça e juízo são a base do seu trono*” (Sl 97:2); Ele é o “*Pai justo*” (Jo 17:25). Calvino chega a dizer: “Ora, Deus não passaria de um mero ídolo, se porventura, satisfeito com uma existência inativa, ele se despisse de sua função de Juiz”.^[55]

Entre os aspectos de como se manifesta a justiça divina, o que gostaríamos de mostrar neste estudo é o que chamamos de “justiça retributiva”. Paulo Anglada diz que “a justiça retributiva de Deus é positiva e negativa; é recompensadora (galardoadora) e vindicativa (punitiva). Ela retribui justamente tanto o bem como o mal praticado por suas criaturas morais”.^[56] Nossa sociedade parece odiar esse aspecto dos atributos de Deus. Até mesmo, nas igrejas, muitas pessoas torcem o nariz para o exercício da justiça divina. Isso porque foram acostumadas com uma ideia unilateral de Deus que é somente amor e nada mais. Estas pessoas precisam aprender com Paulo a considerar a bondade e severidade de Deus (Rm 11:22).

O Catecismo de Heidelberg compreendeu muito bem essas duas verdades benditas da Palavra de Deus. Ele declara: “Deus, na verdade, é misericordioso, mas também é justo. Por isso, sua justiça exige que o pecado cometido contra sua suprema majestade seja castigado também com a pena máxima, quer dizer, com o castigo eterno, em corpo e alma” (CH, resposta à pergunta 11). Certamente, se não nos refugiarmos em Cristo, teremos que enfrentar um Deus irado que, em sua justiça, retribuirá o mal daqueles que rejeitam a Jesus Cristo e prosseguem em seus caminhos de destruição e miséria. “*Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia do juízo de Deus*” (Rm 2:5).

Os Cânones de Dort, um importante documento da confissão reformada, declaram em seu primeiro capítulo, artigo 4: “A ira de Deus permanece sobre aqueles que não creem no evangelho. Mas aqueles que o aceitam e abraçam a Jesus, o Salvador, com fé verdadeira e viva, são remidos por ele da ira de Deus e da perdição, e presenteados com a vida eterna (Jo 3:36; Mc 16:16)”.

Se Cristo não for nosso refúgio, então estaremos expostos e entregues à ira de Deus. Somente pela fé em Cristo, nosso Salvador, escaparemos da ira vindoura. O apóstolo Paulo deixa isso bem claro, pelo menos em duas ocasiões. Escrevendo aos romanos, no capítulo que trata das bênçãos da justificação, ele escreve: “*Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira*” (Rm 5:9). Aos tessalonicenses, o apóstolo Paulo declara: “*E para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura*” (1Ts 1:10).

Herman Bavinck traz luz ao tema do juízo nas seguintes palavras: “Na primeira vez, de fato, Jesus veio ao mundo não para julgar o mundo, mas para salvá-lo (Jo 3:17; 12:47). Não obstante, imediatamente em seu aparecimento ele produziu um julgamento (*krisis*) cujo propósito e resultado é que aqueles que não veem [*sic*], vejam, e aqueles que veem fiquem cegos (Jo 3:19-20; 9:39). Jesus, o Filho do Homem, exerce julgamento continuamente quando, àqueles que creem, concede vida eterna aqui na terra e permite que a ira de Deus continue a repousar sobre aqueles que não creem (Jo 3:36; 5:32-38). Sem dúvida, há, portanto, um julgamento espiritual interno em ação, uma crise que é percebida de geração em geração. Trata-se de um julgamento imanente deste lado do além que acontece na consciência dos seres humanos. Aqui na terra a fé e a incredulidade já dão seu fruto e trazem sua recompensa. Assim como a fé é seguida pela justificação e pela paz com Deus, assim também a incredulidade conduz a um escurecimento progressivo da mente, a um endurecimento do coração e ao consentimento a todo tipo de

injustiça”.^[57]

Quando olhamos para os Evangelhos que narram a vida e o ministério de Jesus Cristo, podemos constatar que, à medida que Ele vai revelando a graça de Deus, Ele também vai aprofundando o juízo sobre os impenitentes. A parábola das dez minas termina com uma nota assombrosa, demonstrando a seriedade do juízo sobre aqueles que não desejam o seu reinado: *“Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e executai-os na minha presença”* (Lc 19:27).

Jesus disse que haveria menos rigor no Dia do Juízo para Tiro e Sidom do que para Corazim e Betsaida e que haverá menos rigor para Sodoma do que para Cafarnaum (Mt 11:20-24). O seu aparecimento, suas palavras e atos demonstrados nessas cidades (Corazim, Betsaida e Cafarnaum), e a incredulidade demonstrada por seus moradores são piores do que a maldade de Tiro e Sidom, ou de Sodoma e Gomorra. A maldade e perversidade de Sodoma e Gomorra tornaram-se proverbiais! Essas duas cidades foram postas para exemplo do fogo eterno (Jd 1:7). Ora, se elas são uma prévia do que acontecerá àqueles que insistem em viver impiamente, quão terrível será a plena revelação do Dia da ira do Cordeiro de Deus. O apóstolo João fala desse Dia nas seguintes palavras:

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode sustentar-se?” (Ap 6:12-17).

Quando o Senhor Jesus enviou os seus discípulos, entre as muitas recomendações, encontramos esta: *“Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade”* (Mt 10:14-15). “Sacudir o pó dos pés” era um sinal de desprezo, separação e julgamento. Ao ser rejeitado e perseguido pelos judeus, os apóstolos Paulo e Barnabé fizeram o que ensinou Jesus aos seus discípulos: *“E estes, sacudindo contra aqueles o pó dos pés, partiram para Icônio”* (At 13:51).

Nosso Senhor Jesus disse aos intérpretes da Lei: *“Por isso, também disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e a outros perseguirão, para que desta geração se peçam contas do sangue dos profetas derramado desde a fundação do mundo; desde o sangue de Abel até o de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e a casa de Deus. Sim, eu vos afirmo, contas serão pedidas a esta geração”* (Lc 11:49-51). O sangue dos justos será requerido das mãos dos perversos! Jesus nos ensinou essa verdade (Mt 23:34-35).

Alguns associam essas palavras de Jesus à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Seja como for, a verdade de Deus permanece: Deus julga com justiça e equidade. O sangue dos justos será requerido, e o próprio Deus tomará vingança contra seus inimigos. Deus é terrível em seus juízos (Sl 76:7). Sua ira santa é assombrosa. Como diz o autor aos hebreus: *“Horível coisa é cair nas mãos de um Deus vivo”* (Hb 10:31).

No exercício de sua santa prerrogativa de exercer juízo contra os perversos, vemos na

Escritura que Deus pode endurecer o coração dos homens (Êx 4:21; 7:3; 9:12); entregá-los à operação do erro (2Ts 2:11-12), ou a uma disposição mental reprovável (Rm 1:24-28). Ele dissipa o conselho dos homens, a fim de cumprir os seus santos propósitos (2Sm 17:14; 1Rs 12:15); a decisão equivocada de Sansão foi usada por Deus para seus propósitos (Jz 14:4). Deus fez cair sobre Abimeleque toda a maldade e violência praticada contra seus irmãos (Jz 9:22-24, 56-57). Jesus nos ensinou que não deveríamos temer aqueles que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer; *“temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”* (Mt 10:28; Lc 12:4-5). Ou seja, os homens devem temer acima de tudo a Deus, pois Ele pode matar e fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo!

O fato de Deus ser misericordioso, longânimo e tardio em irar-se não significa que sua justiça não seja realizada. A Bíblia diz que Deus é *“tardio em irar-se”*, mas isso não significa que Ele, em tempo oportuno, não derrame sua ira sobre seus inimigos. O profeta Naum manifesta assim essa verdade: *“O SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos”* (Na 1:2).

Deus, pela sua livre vontade, tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz (Rm 9:18). O nosso Senhor Jesus chegou até mesmo a exclamar: *“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Mt 11:25-26).

A Epístola de Judas dirige palavras duras contra os inimigos do evangelho e da verdade divina. O autor deixa claro que o Senhor virá com suas santas miríades *“para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele”* (Jd 1:14-15). Estamos vendo uma frouxidão moral tão grande, e o tecido da sociedade moderna se encontra tão podre que se tornou “normal” proferir insultos contra a Divindade. Piadas grosseiras, insinuações maldosas e chacotas são acumuladas contra o Santo Filho de Deus, mas não se engane — as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele não ficarão impunes!

Em nossa era pós-moderna, a mensagem do juízo divino não é anunciada na maioria dos púlpitos. Muitas igrejas preferem ser “amigáveis” a honrar a mensagem divina. Fazem malabarismos, a fim de esconderem o juízo divino contra os incrédulos. Temem ofender seus ouvintes, por isso omitem as duras verdades do evangelho. Muitos só falam do amor de Deus e tentam de todas as maneiras esconderem o juízo divino. Mas as coisas não deveriam ser assim. Somos chamados a anunciar todo o conselho de Deus; e, certamente, a mensagem do juízo de Deus faz parte desse conselho.

Quando olhamos mais atentamente para a Escritura, vemos que o juízo divino é parte integrante da mensagem cristã. Quando Paulo anunciou o evangelho aos romanos, ele disse que Deus, por meio de Jesus Cristo, julgaria os segredos dos homens conforme o evangelho por ele anunciado (Rm 2:16). Pregando em Atenas, Paulo declarou que Deus *“estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos”* (At 17:31). Diante do governador Félix, Paulo falou *“acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro”* (At 24:25). Paulo não tentou maquiagem o evangelho e torná-lo mais agradável aos homens, mas foi fiel à mensagem para a qual o próprio Cristo o havia comissionado.

O apóstolo Pedro, na sua pregação a Cornélio, diz que Jesus, depois da ressurreição, “*nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos*” (At 10:42). Mais uma vez vemos que a mensagem das boas novas do evangelho não exclui o anúncio do juízo de Deus que se abaterá sobre o mundo ímpio. Pedro chega mesmo a dizer que o próprio Senhor ressurreto lhe deu esse mandato. Seremos desobedientes ao Senhor, ocultando o seu legítimo direito de julgar o mundo?

Estes dois homens de Deus, Pedro e Paulo, entendiam que o anúncio do juízo de Deus fazia parte da mensagem cristã. O evangelista Lucas nos conta acerca de um homem chamado Simão, o mágico, que, por meio de suas artes, iludia o povo de Samaria. Todos ali o consideravam como sendo um grande vulto. Ele mesmo era chamado de “*poder de Deus*” ou o “*Grande Poder*”. Quando Filipe pregou em Samaria, a sua pregação era acompanhada de sinais e grandes milagres, e Simão ficou interessado. Ele chegou até mesmo a ser batizado e acompanhava Filipe de perto, observando extasiado os sinais e milagres realizados.

Quando os apóstolos Pedro e João chegaram a Samaria e colocaram suas mãos sobre os convertidos, e eles foram cheios do Espírito Santo, Simão lhes ofereceu dinheiro, propondo: “*Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo*” (At 8:19).

A resposta de Pedro foi carregada de zelo pelas coisas de Deus: “*O teu dinheiro seja contigo para a perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus. Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus*” (At 8:20-21). Podemos traduzir “*o teu dinheiro seja contigo para a perdição*” como “para o inferno com o seu dinheiro”. “É o pronunciamento de uma maldição contra Simão, consignando-o à destruição com o seu dinheiro.”^[58]

Ao ouvir essa dura sentença, o apóstolo chama Simão a arrepender-se dos seus pecados. Mas Simão parece que quer apenas escapar das consequências dos seus pecados, não demonstrando genuíno arrependimento. Ele diz: “*Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim*” (At 8:24). O relato termina aqui, e não sabemos qual foi o fim desse homem.

O apóstolo Paulo também se deparou com um mágico, falso profeta, chamado Elimas. Quando Saulo (depois se chamaria Paulo) e Barnabé pregavam a Palavra de Deus ao procônsul Sérgio Paulo, Elimas procurava afastar da fé o procônsul. Saulo, cheio do Espírito Santo disse: “*Ó filho do diabo, cheio de todo engano e de toda malícia, inimigo de toda justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão. Então, o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor*” (At 13:9-12). Elimas tentou manter o procônsul cego às realidades do Reino de Deus, mas Deus fez com que a cegueira física o atingisse. Enquanto Elimas tateava, os olhos espirituais do procônsul se abriram para as riquezas e glória de Cristo!

Observem que não era uma briga pessoal. Não era uma simples querela que inflamou o coração de Paulo, mas era a honra e a glória de Deus que estava em jogo. Era uma luta contra um falso profeta que tentava manter as almas dos homens presas na mentira, no engano e na superstição pagã. A invocação do juízo feita pelo apóstolo mostrou o poder de Deus que abateu as forças do mal e abriu as masmorras da alma do procônsul Sérgio Paulo.

Desde cedo, os cristãos reformados são ensinados de que tudo deve convergir na glória de Deus. O Breve Catecismo de Westminster, escrito originalmente para a instrução das crianças, nos ensina: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre”. Mas será que Deus é glorificado no juízo? Se tudo deve convergir na glória de Deus, certamente o juízo deve estar incluído.

A Confissão de Fé de Westminster, tratando sobre o juízo final, diz: “O fim que Deus tem em vista determinando esse dia é manifestar a sua glória — a glória da sua misericórdia, na eterna salvação dos eleitos, e a glória da sua justiça, na condenação dos réprobos, que são perversos e desobedientes” (capítulo 33, sessão 2). Observem que o juízo final não está destituído de glória. Através dele, Deus manifestará a sua glória na salvação dos eleitos, como também demonstrará a glória da sua justiça na condenação dos perversos e desobedientes.

De maneira bem prática, a mensagem do juízo deve afastar-nos do pecado e levar-nos ao arrependimento. Devemos olhar para essa doutrina e considerar firmemente o estado de nossas almas. A Confissão de Fé de Westminster declara esse propósito: “Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior consolação dos justos nas suas adversidades, quer que estejamos firmemente convencidos que haverá um dia de juízo” (capítulo 33, sessão 3).

O apóstolo Pedro escreveu: “*Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade*” (2Pe 3:11). O juízo divino deve ser visto pelo cristão como um incentivo ao viver santo e piedoso. Devemos estar preparados para nos encontrar com nosso Senhor; devemos proceder com santidade; mortificar as obras da carne; despojar-nos do velho homem e revestir-nos do novo; confiar nas promessas de perdão para aqueles que se chegam ao Senhor, pois, “*se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?*” (1Pe 4:18).

Além de nos afastar do pecado, a doutrina do juízo é um consolo para os justos nas suas adversidades. A Confissão aponta para este segundo benefício: “para maior consolação dos justos nas suas adversidades” (Capítulo 33, sessão 3). O apóstolo Paulo escreveu esta mensagem de consolação aos tessalonicenses: “*se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder*” (2Ts 1:6-9).

O apóstolo Paulo diz que é justo que Deus dê em paga tribulação aos que vos atribulam e que tome vingança contra aqueles que são desobedientes ao evangelho de nosso Senhor Jesus. O povo de Deus — que hoje sofre pelo evangelho, que é afrontado por amor a Cristo e que por muitas vezes tem sua causa condenada como herética — será consolado pela visão do juízo divino, quando o Senhor vier na sua glória e majestade. Então, “ficará manifesto que a causa deles, que agora por muitos juízes e autoridades está sendo condenada como herética e ímpia, é a causa do Filho de Deus” (Confissão Belga, artigo 37).

Pensar nesse dia é um consolo desejável para os justos e eleitos de Deus. “É precisamente a pessoa piedosa que, com ansiedade, espera o dia em que Deus glorificará seu nome diante dos olhos de todas as criaturas e, em seu favor, Deus produz o triunfo dos que lhe pertencem sobre toda a oposição. Esse desejo se torna ainda mais forte quando o sangue que clama por vingança corre pela terra em correntes mais largas e mais profundas, quando a falsidade floresce e quando

o domínio de Satanás se expande e se levanta contra o reino de justiça. Toda a história clama pelo julgamento do mundo. Toda a criação espera por ele. Todos os povos dão testemunho disso. Os mártires, no céu, clamam por isso em alta voz. A comunidade crente ora pela vinda de Cristo e o próprio Cristo, o Alfa e o Ômega, diz: ‘Eis que venho sem demora e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras’” (Ap 22:12).^[59]

Olhamos para esse dia com santo temor e expectativa, e com um coração confiante nos méritos de nosso Senhor Jesus dizemos: “*Amém! Vem, Senhor Jesus!*” (Ap 22:20).

“Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao Justo!” (Is 24:16).

CAPÍTULO V

O QUE MAIS NOS ENSINAM OS SALMOS?

Não quero que você pense que os Salmos contêm apenas imprecações. Como vimos no decorrer do nosso estudo, elas perpassam todo o Saltério; mas os Salmos contêm muito mais a nos ensinar. De modo prático, gostaria de mostrar o que mais os Salmos nos ensinam.

1. A criação de Deus. Os salmistas apontam para Deus como o Criador de todas as coisas. “*Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca, o exército deles. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir*” (Sl 33:6,9). Essas palavras nos levam de volta ao livro do Gênesis: “*No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz*” (Gn 1:1-3).

Existe uma expressão que os teólogos cristãos costumam usar para se referir a criação soberana de Deus. A expressão é: *ex-nihilo*, que significa “do nada”. Isso significa que Deus criou todas as coisas sem material preexistente. Ou seja, nem mesmo a matéria é eterna, ela também foi criada por Deus. A criação se deu pela poderosa palavra e ordem de Deus: “*pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir*” (Sl 33:9).

Deus não somente criou, mas também sustenta a sua criação. Assim louva o salmista no Salmo 104. As obras do Senhor são variadas, mas todas elas feitas com sabedoria (Sl 104:24). Toda a criação depende do cuidado de Deus (Sl 104:21,27-29). Ele dá alimento a toda carne, porque a sua misericórdia dura para sempre (Sl 136:25). Ele abre a sua mão e satisfaz de benevolência a todo vivente (Sl 145:16).

De todas as obras da criação, o homem recebe destaque. Ele é a coroa da criação. O próprio Deus o corou de glória e de honra (Sl 8:5), dando-lhe domínio sobre toda a criação (Sl 8:6-8). A dignidade humana é evidenciada por ser ela à imagem e semelhança de Deus.

2. O pacto de Deus com seu povo. A ideia do pacto ou aliança é um tema também presente no livro dos Salmos. O Salmo 105:8ss nos faz recordar da aliança de Deus com Abraão. Esse tema é recorrente na Escritura; na verdade, ele perpassa toda a Escritura e é o fundamento do relacionamento do homem com Deus. Quando Deus escutou o sofrimento do povo no Egito, Ele agiu com base no pacto com Abraão, Isaque e Jacó (Êx 2:24). Maria viu no nascimento de Jesus a fidelidade de Deus com relação ao pacto. Disse ela: “*Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais*” (Lc 1:54-55).

O sacerdote Zacarias, pai de João Batista, também louvou o Senhor pelo cumprimento do

pacto: *“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu seu povo, e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo, como prometera, desde a antiguidade, por boca dos seus santos profetas, para nos libertar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai”* (Lc 1:68-73).

Era sobre esse fundamento que os salmistas cantavam. O Saltério é o hinário do povo do pacto. Os Salmos são os hinos do pacto. *“A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança”* (Sl 25:14).

3. A soberania e realeza de Deus. Longe dos hinos modernos que exaltam o homem e ofuscam ao Senhor, os Salmos exaltam a majestade e o poder de Deus. *“Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável”* (Sl 145:3). A visão que o salmista tem de Deus é de um Deus grandioso que reina (Sl 99:1). E qual é a extensão de seu reino? Qual a sua durabilidade? O salmista responde: *“Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo”* (Sl 103:19). *“O teu reino é o de todos os séculos, e o teu domínio subsiste por todas as gerações”* (Sl 145:13a).

Foi por meio de Sua vontade soberana que Deus escolheu a Israel e transmitiu a eles sua vontade. *“Mostra a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus preceitos, a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação”* (Sl 147:19-20). *“Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel”* (Sl 103:7).

Também, por sua mão poderosa, Ele libertou o seu povo do Egito; tema também recorrente nos Salmos. *“Tu és o Deus que operas maravilhas e, entre os povos, tens feito notório o teu poder. Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José. O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e Arão”* (Sl 77:14-15,20; cf. Sl 74; 77; 78; 80; 81; 105; 106; 114).

4. A fragilidade humana. Em contrapartida, somos ensinados pelos Salmos a ver a nossa real condição. Somos pecadores (Sl 51:5; 58:3), e a nossa vida é breve (Sl 39:4-6), e nos perturbamos por muitas coisas (Sl 42). Talvez, essa seja uma das razões pelas quais nós amamos tanto os salmos. Eles revelam quem nós realmente somos. Ele não nos ilude com uma espiritualidade forjada, sempre sorridente, mas pinta com cores vivas e vibrantes a nossa condição. Nossa alma é aberta, e nosso coração é exposto diante da luz do Saltério.

5. Os justos e os ímpios. Este é um dos temas principais do livro dos Salmos. Na verdade, toda a Escritura trabalha esse tema. Isso porque, espiritualmente falando, só existem duas famílias na terra: os filhos de Deus e os filhos da Serpente. E há uma inimizade entre essas duas famílias. Faz parte da natureza dos filhos da serpente odiar os filhos de Deus. O primeiro Salmo serve como uma introdução ao assunto que vai percorrer todo o Saltério!

6. Os atributos de Deus. Uma das maiores reclamações que tenho contra muitos hinos modernos é que eles não ensinam quase nada sobre Deus; ou, então, apresentam uma visão estranha ao Deus revelado na Escritura. Grande parte dos louvores modernos possui um forte apelo antropocêntrico. O homem é a medida de todas as coisas, e Deus mesmo está a serviço do homem, sempre pronto a realizar seus desejos mais egoístas.

Muitos desses hinos, além de uma teologia pobre e superficial, quase sempre são melosos, o que nos deixa na dúvida se o hino é uma composição para Deus, ou para um namorico entre adolescentes. O Saltério nos livra dessas coisas, pois ele é teologicamente robusto,

doutrinariamente substancioso. Ele é cheio da majestade divina. Nos Salmos, aprendemos a cantar os atributos de Deus. Nele aprendemos a cantar sobre:

- Sua sabedoria: *“Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas”* (Sl 104:24).
- Sua grandeza: *“Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor; e nada existe que se compare às tuas obras. Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome. Pois tu és grande e operas maravilhas; só tu és Deus!”* (Sl 86:8-10).
- Sua misericórdia: *“Aleluia! Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom; porque a sua misericórdia dura para sempre”* (Sl 106:1).
- Seu perdão: *“Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais oculte. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado”* (Sl 32:5).
- Sua bondade: *“Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”* (Sl 34:8).
- Sua justiça: *“Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face”* (Sl 11:7).
- Sua ira: *“Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá”* (Sl 2:5).
- Sua vingança: *“Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece”* (Sl 94:1).
- Sua realeza: *“Porque o SENHOR é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses”* (Sl 95:3).
- Sua santidade: *“Exaltai ao SENHOR, nosso Deus, e prostrai-vos ante o seu santo monte, porque santo é o SENHOR, nosso Deus”* (Sl 99:9).
- Sua eternidade: *“Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus”* (Sl 90:2).
- Sua imutabilidade: *“Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim”* (Sl 102:27).
- Sua onisciência: *“Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?”* (Sl 139:7ss).

7. O reino de Deus. Os salmistas apontam para o reino de Deus com uma confiança tão grande que poderíamos chamá-la de “escatologia já realizada”, em que Deus vem julgar o mundo e consumir todas as coisas, conforme nos ensina o Salmo 96:11-13: *“Alegrem-se os céus, e a terra exulte; ruja o mar e a sua plenitude. Folgue o campo e tudo o que nele há; regozijem-se todas as árvores do bosque, na presença do SENHOR, porque ele vem, vem julgar a terra; julgará o mundo com justiça e os povos, consoante a sua fidelidade”*.

O salmista está nos mostrando que até mesmo a criação inanimada espera a manifestação gloriosa do Senhor. O apóstolo Paulo escreve aos romanos que *“A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não*

voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8:19-22).

Que gloriosa esperança nos ensinam os Salmos! Nas palavras de Joel Beeke: “Cantar os Salmos gera em nós uma esperança ajustada à grandeza de Deus, que transcende nossas preocupações pessoais, problemas contemporâneos, e problemas nacionais”.^[60]

8. O cuidado do Senhor. Ao apresentar um Deus grandioso, o salmista também nos mostra que esse Deus está perto de nós; e não somente perto, mas interessado em nossa história. Ele cuida de sua criação e de um modo especial de seu povo. Seu cuidado é um conforto para o coração aflito e uma âncora para a alma.

No perigo iminente, Davi podia dizer: *“Deito-me e pego no sono; acordo, porque o SENHOR me sustenta”* (Sl 3:5). E ainda: *“Em paz me deito e logo pego no sono, porque, SENHOR, só tu me fazes repousar seguro”* (Sl 4:8).

Quanto de nós fomos confortados com estas palavras: *“Eu sou pobre e necessitado, porém o SENHOR cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu!”* (Sl 40:17). Por meio de sua mão poderosa e sua maravilhosa providência, Deus cuida de nós com seu amor e cuidado paternal.

9. Os Salmos falam abundantemente de Jesus Cristo. Às vezes, ouço pessoas dizerem: “Eu tenho dificuldades em cantar os Salmos, porque eles não falam de Jesus”. Sugiro a essas pessoas a olharem mais uma vez o Saltério e perceberem que ele está impregnado de referências ao Senhor Jesus Cristo.

É muito significativo saber que, das muitas vezes que o Novo Testamento cita o Antigo Testamento, 40% das citações são dos Salmos! Os Salmos que são constantemente citados no Novo Testamento são o Salmo 2, 69, 110 etc. Como já dissemos, Deus moldou a vida de Davi de tal forma que muito daquilo que lhe sucede aponta para Cristo e é vivido mais intensamente por Ele. Os Salmos falam:

- Da realeza de Cristo (Sl 2:6-9). Os homens se levantam contra Ele (Sl 2:1-3), mas Ele sairá vitorioso. O reino de Cristo jamais terá fim (Sl 45:6 comp. Hb 1:8-9). Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores!
- Do triunfo do seu reino e o vitorioso avanço do Evangelho (Sl 18:49; Sl 117:1 comp. Rm 15:8-9, 11). Os salmistas já mostram que o reino do Senhor abarácará os gentios. Seu nome seria glorificado entre os gentios. Todos os povos louvariam ao Senhor!
- Do seu sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110:4 comp. Hb 5:1-10; 7). O sacerdócio de Melquisedeque é apropriado ao Senhor Jesus Cristo. Ele é um rei, como vimos anteriormente, mas também é um sacerdote de uma ordem superior; é um sacerdote perpétuo (Hb 5:6; 7:16,17), imutável (Hb 7:24), santo e perfeito (Hb 7:26-27).
- Dos seus sofrimentos são expressos nos Salmos, muitos deles detalhados. Quando Ele foi rejeitado pelos escribas, Ele os repreendeu com as palavras do Salmo 118:22: *“A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular”* (comp. Mt 21:42; Mc 12:10-11). Os detalhes que cercaram a sua morte são relatados com uma precisão impressionante nos Salmos. O modo como suas vestes seriam

repartidas é descrito no Salmo 22:18: *“Repartem entre si as minhas vestes e sobre minha túnica deitam sortes.”* Isso se cumpriu cabalmente em nosso Senhor (cf. Jo 19:23, 24). Ao ser crucificado, Ele lamentou seu abandono com as palavras do Salmo 22:1: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”*. Pendurado naquela horrenda cruz, Ele se lembrou de cumprir as palavras do Salmo 69:21b: *“na minha sede me deram a beber vinagre”* (ver Jo 19:28-29). Em seus últimos suspiros, as palavras dos Salmos estiveram em seus lábios: *“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”* (comp. Lc 23:46; Sl 31:5).

- Da sua ressurreição. Os Salmos apontam para a vitoriosa ressurreição do nosso Senhor Jesus. Davi, no Salmo 16:10, escreveu: *“Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”*. O apóstolo Pedro aplica essas mesmas palavras referindo-se à ressurreição de Cristo (At 2:27-31).
- Da sua vitoriosa ascensão. O Salmo 68:18 diz: *“Subiste às alturas, levaste cativo o cativo; recebeste homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o SENHOR Deus habite no meio deles”*. O apóstolo Paulo, referindo-se à ascensão de Cristo, aplica as mesmas palavras (Ef 4:7-13).
- Da sua posição exaltada ao lado do Pai e a derrota completa de seus inimigos. O Salmo 110, claramente um Salmo messiânico citado muitas vezes no Novo Testamento, nos revela a posição exaltada de Cristo e a derrota completa de seus inimigos. Ele diz: *“Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”* (Sl 110:1). O próprio Cristo mostrou que essas palavras referem-se a Ele (Mc 12:35-37). Seus inimigos serão derrotados; estarão debaixo de seus pés. Como vitorioso guerreiro divino, o Senhor *“julga entre as nações; enche-as de cadáveres; esmagará cabeças por toda a terra. De caminho, bebe na torrente e passa de cabeça erguida”* (Sl 110:6-7; cf. Sl 68:21). O autor da epístola aos hebreus confirma essa palavra do salmista relacionada a Jesus Cristo (Hb 10:12-13).

Os salmos estão cheios de Cristo. Seus ofícios, obras, sofrimentos, morte, ressurreição, ascensão e exaltação são descritas no Livro dos Salmos. Ele é o centro do Saltério. O coração pulsante dos Salmos. Os cânticos que estiveram nos lábios de nosso Senhor e de seus apóstolos — e de uma miríade de santos, e mártires que viveram antes de nós — precisam estar em nossos lábios! Que Deus nos ajude a vermos a importância do Saltério na vida do povo de Deus e coloque em nosso coração um santo desejo de novamente entoar os cânticos de Sião, por amor a Jesus Cristo!

CONCLUSÃO

E screvendo aos efésios, o apóstolo Paulo cita o Salmo 4:4 e diz: “Irai-vos e não pequeis” (Ef 4:26). Com isso, Paulo nos mostra que existe uma ira não pecaminosa. Mas como podemos ser moldados para agirmos assim? A resposta se encontra nas Escrituras. Precisamos das Escrituras para moldar a nossa ira, a fim de que ela reflita um santo zelo pelas coisas de nosso Senhor. Uma vez que esse estudo se baseou nos salmos imprecatórios, eu lhe digo: deixe esses Salmos moldarem sua ira. Isso não significa que você tomará essas palavras para dirigir-se contra desafetos pessoais, ou contra qualquer um que discorde de você. Se você quer usar esses Salmos dessa maneira, então eles não são para você.

Comentando o Salmo 35:7, Calvino nos concede esta importante observação: “Ele aqui declara que não tomava em vão o nome de Deus, nem o invocava por proteção sem justa causa, pois assevera publicamente sua inocência e se queixa de que era assim severamente afligido sem ter cometido crime algum nem dado ocasião alguma a seus inimigos. Cumpre-nos observar cuidadosamente esse fato, para que ninguém se precipite inadvertidamente na presença de Deus nem o invoque por vingança, sem o endosso e o testemunho de uma sã consciência”.^[61]

Como vimos no primeiro capítulo, o sentimento por trás das palavras dos salmistas não é, de maneira nenhuma, dominado por ódio pessoal. O que move o salmista a dirigir suas duras sentenças são as afrontas dos perversos contra o Senhor Deus. Lembre-se de que não podemos tomar a vingança em nossas próprias mãos, mas confiá-la ao Senhor. Lembre-se ainda que, quanto depender de nós, devemos ter paz com todos os homens (Rm 12:18).

Os cristãos são pacificadores que, pela graça de Deus, são chamados a pagar o mal com o bem; a vencer o mal com o bem (Rm 12:21); a amar seus inimigos e a orar pelos que os perseguem — a ponto de que, se seu inimigo tiver fome, deve dar-lhe de comer, ou, se ele tiver sede, deve dar-lhe de beber (Pv 25:21-22; Rm 12:20).

Porém isso não significa que não possamos dar lugar à ira e confiar a vingança ao Senhor. Paulo diz: “*Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor*” (Rm 12:19). Esse é o mesmo ensino do Antigo Testamento (Dt 32:35). O mesmo Espírito que inspirou Paulo também inspirou Davi. O mesmo Espírito que fala nos Evangelhos também fala nos Salmos!

Lembre-se de que Davi amou seus inimigos, Jeremias intercedeu pelos seus adversários, mas isso não impediu nenhum deles de esperar a ira de Deus sobre os impenitentes. Cristo na cruz pediu ao Pai: “*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*” (Lc 23:34). Contudo, muitos daqueles que continuaram a rejeitar o Messias receberam o juízo e a ira de Deus na destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Com isso, devemos aprender a ler os Salmos à luz do pacto. Segundo Van Deursen, “Em uma palavra, os Salmos são, do princípio ao fim, hinos do

pacto” e “quem despreza este fundamento do pacto, não pode entender os Salmos”.^[62] Qualquer um que não crer em Jesus e não confiar nele como Salvador sofrerá as maldições do pacto. *“Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego”* (Rm 2:9). Os Salmos formam o hinário do povo de Deus. São os hinos dos filhos do pacto, inspirados pelo Espírito Santo. De maneira que aqueles que rejeitarem a Jesus, o mediador da nova aliança, sofrerão, como Judas, as maldições do pacto. Quem não crer em Jesus como Salvador encontra-se debaixo da ira e da maldição divina.

Para aqueles que creem em Jesus Cristo nenhuma condenação há (Rm 8:1). Mas, para os rebeldes, incrédulos e impenitentes, estes beberão o cálice da cólera de Deus, preparado sem mistura; do cálice da sua ira; e serão atormentados com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. *“A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome”* (Ap 14:9-11).

Alertar os homens com essas sentenças terríveis não significa que somos desprovidos de amor. Pelo contrário, amamos o Senhor e sua glória. Amamos os pecadores que andam desgarrados, como ovelhas que não têm pastor. É esse amor que nos leva a mostrar que o inferno é real, e que para lá eles irão, se não crerem em Jesus Cristo!

Certamente, foi o amor pela alma do Sr. Mau que levou sua piedosa mulher a alertá-lo sobre o juízo vindouro e a realidade do inferno:

“Deus sabe e você também sabe, que tenho sido para você uma esposa amorosa e fiel. Foram muitas as orações que a Deus elevei em seu favor, e, quanto aos abusos que recebi de suas mãos, livre e sinceramente eu perdoo. E, enquanto eu tiver um sopro de vida neste mundo, continuarei orando por você. Mas meu marido, eu vou para onde nenhum perverso jamais irá, e, se você não for convertido, nunca mais me verá. Por favor, não se ofenda com minhas francas palavras. Sou sua esposa, e morro; por minha fidelidade a você é que lhe deixo esta exortação. Pare de pecar; fuja para Deus, em busca de misericórdia, enquanto a porta da misericórdia está aberta. Lembre-se de que virá o dia em que você, embora agora se sinta bem e esteja desfrutando boa saúde, vai estar às portas da morte, como agora eu estou. Que fará você então, se for encontrado com sua alma nua e tiver que se defrontar com os querubins e suas espadas flamejantes? Sim que fará você então, se a morte e o inferno vierem visitá-lo quando você estiver em seus pecados e debaixo da maldição da lei?”^[63]

Ao falar sobre a miséria dos pecadores sem Deus, o puritano Joseph Alleine faz algumas perguntas penetrantes:

“Pecadores, o que farão no dia da visitação do Senhor? Para onde fugirão a fim de obter auxílio? Onde deixarão a sua glória? O que farão quando os filisteus os perseguirem, quando o mundo lhes apresentar a sua despedida eterna, quando precisarem dizer adeus aos amigos, casas e terras, para sempre? O que farão, então, aqueles que não têm um Deus a quem recorrer? Apelarão para Ele? Implorarão Sua ajuda? Ai de vocês! Ele não os reconhecerá como filhos, não dará atenção a vocês, mas os mandarão embora, dizendo: *‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que praticam o mal.’*” (Mt 7:23)^[64]

Quando entoamos os Salmos imprecatórios, devemos ter em mente que aquela face irada não é contra nós que beijamos o Filho em sinal de submissão (Sl 2:12). Então, louvamos com alegria pelo fato de estarmos livres da ira vindoura (1Ts 1:10). Por outro lado, entoamos com um

senso de urgência, chamando aos impenitentes a reconhecerem e a submeterem-se ao Senhor; pois, se eles continuarem trilhando o caminho da rebeldia, perecerão pelo caminho (Sl 2:12) e beberão o cálice de sua ira! Quando entoamos os Salmos imprecatórios, reconhecemos que existe também uma face irada no Deus de amor. Ele ama sua justiça, sua santidade e sua glória.

O evangelicalismo moderno não simpatiza com essas palavras; como vimos, preferem enfatizar os aspectos mais positivos da religião. Mas não podemos pregar o Evangelho ou anunciar todo o conselho de Deus sem um anúncio sincero, franco e urgente da condição perigosa que se encontram os pecadores sem Deus. O próprio Jesus, aquele que veio revelar para nós o Pai, não se esquivou de anunciar palavras duras contra aqueles que estavam amortecidos em seus pecados, mesmo aparentando serem respeitáveis religiosos.

O nosso Senhor Jesus chegou a dizer que os escribas e fariseus estavam fechando aos homens o reino de Deus, de modo que nem eles entram nem deixam entrar os que estão entrando (Mt 23:13). O Senhor os chamou de *“hipócritas”* (Mt 23:13-15,23,25,27-29); *“guias cegos”* (Mt 23:16-17,19,24,26); *“filhos do inferno”* (Mt 23:15,33); *“assassinos”* (Mt 23:34). O Senhor termina, evocando uma imprecação: *“para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem mataste entre o santuário e o altar”* (Mt 23:35).

Observem que essas duras palavras do Senhor não são por simples desavença pessoal. Os homens contra os quais Jesus fala são ímpios que transtornam o caminho do Senhor. Eles são filhos do inferno que lutam para gerar outros filhos semelhantes a eles (Mt 23:15). Eles usam sua falsa religiosidade, para aprisionar as pessoas no engano (Mt 23:27-28); por isso o juízo sobre eles seria muito severo (Mt 23:14).

A situação hoje é diferente? As trevas pararam com seus ataques contra a igreja de Cristo? Os homens cessaram de se levantar contra o Senhor e contra o seu Ungido? O povo de Deus deixou de ser massacrado tão somente por conta do nome do Senhor, seu Deus? Os ímpios cessaram de esmagar os pobres, órfãos e viúvas sem que ninguém a eles assista? Eles abriram mão de sua obstinada arrogância contra Deus? Os falsos mestres cessaram de anunciar os seus falsos ensinamentos, cheios de malícia e movidos pela ganância? Não, pelo contrário, essas coisas se intensificaram. O que cessou, parece-me, foi o zelo de grande parte do povo de Deus. Falhamos em anunciar todo o conselho de Deus.

Não temos clamado com uma santa expectativa, dizendo: *“venha o teu reino”* e, assim, desejando que o reino das trevas e os homens que se associam com ele desapareçam! *“Até quando, SENHOR, os perversos, até quando exultarão os perversos?”* (Sl 94:3). As orações imprecatórias brotaram dos lábios de cristãos que estavam vivendo em períodos de injustiça, perseguição de líderes perversos, ou assédio de falsos mestres. Essas coisas continuam acontecendo, e a igreja de Cristo precisa expressar, por meio do Saltério, a sua indignação, o seu zelo pela glória de Deus e o seu desejo pelo bem do povo de Deus.

Os inimigos de Deus descritos pelos salmistas possuem um caráter perverso. Eles não consideram a Deus (86:14); desviam-se dos mandamentos de Deus (Sl 119:21); são mentirosos (Sl 119:69); opressores e injustos (Sl 119:78); violentos e sanguinários, e a terra está cheia de suas violências (Sl 58:2; 59:2); maldizem o Senhor e blasfemam contra Ele (Sl 10:3); negam que Deus existe (Sl 10:4; 53:1); orgulham-se de sua maldade (Sl 52:1; 73:8; 94:4); amam o mal e a mentira (Sl 52:3-4).

Convém ainda lembrar que o cântico dos Salmos é um instrumento poderoso na Reforma

e no avivamento do povo de Deus. Na Reforma Protestante, o cântico dos Salmos foi decisivo para imprimir nas mentes dos homens o retorno às Escrituras. Quando a igreja se voltou ao culto centrado em Deus, o cântico dos Salmos estava presente. Nas reformas religiosas, o povo se voltou para Deus com os cânticos de Sião nos lábios e alegria no coração (Ed 3:11; 2Cr 29:30). O cântico dos Salmos foi um dos instrumentos decisivos para a expansão e o estabelecimento da Reforma Protestante. Terry Johnson chega a afirmar: “O cântico dos Salmos tornou-se uma das mais evidentes marcas do protestantismo reformado. Os Salmos genebrinos foram traduzidos para o espanhol, o holandês, o alemão e o inglês, dentre outras línguas, 24 no total. As edições em inglês cresceram e se expandiram tanto na igreja da Inglaterra como na igreja da Escócia”.

[\[65\]](#)

Meu desejo sincero é que o povo de Deus possa redescobrir a beleza e a glória do Saltério. E, assim, como aconteceu na Reforma, os Salmos possam moldar e aprofundar nossa espiritualidade que anda tão descompensada. Que os cânticos de Sião possam fazer parte do nosso culto público e de nossa vida privada. Que presbiterianos, batistas, anglicanos, luteranos, metodistas, pentecostais, enfim, todo o povo de Deus possa entoar os cânticos de Sião em suas denominações. “*Bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo*” (Sl 92:1).

Ao cantar os Salmos, lembre-se de cantar o todo do Saltério. Não sinta vergonha das imprecações, afinal de contas, Deus é o nosso vingador e confiamos a vingança às suas mãos. Se Deus deseja vingar-se dos seus inimigos, não é errado que seu povo ore nessa direção. Esperamos, ó Santo de Israel, pelo dia em que: “*Todas as nações temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra, a sua glória*” (Sl 102:15). Enquanto esse dia não chega, nós te rogamos: “*Caíam os ímpios nas suas próprias redes, enquanto eu, nesse meio tempo, me salvo incólume*” (Sl 141:10). Amém!

“*Sejam envergonhados e repelidos todos que aborrecem a Sião*” (Sl 129:5).

BIBLIOGRAFIA

- ANGLADA, Paulo, *Soli Deo Glória*, Knox Publicações.
- ADAMNS, Jay. *Salmos de Guerra del Príncipe da Paz*. Poiema Publicaciones.
- WILSON, James. *A Verdadeira Salmodia*.
- CALVINO, João, *Comentário aos Gálatas*, FIEL.
- BAVINCK, Herman, *Dogmática Reformada*, Cultura Cristã.
- MAIA, Hermisten, *Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo*, FIEL.
- SPURGEON, Charles, *Salmo 119*, Edições Parakletos.
- BEEKE, Joel, HYDE, Daniel; JOHNSON, Terry. *Por que devemos cantar os Salmos?*, Os Puritanos.
- BEEKE, Joel, *Espiritualidade Reformada*, FIEL.
- BERTHOUD, Marc-Jean, *A grande Tradição Reformada*, Monergismo.
- DEURSEN, Frans Van, *Los Salmos*, FELIRE.
- EDWARDS, Jonathan, *Sermão: Pecadores nas mãos de um Deus irado*.
- BOND, Douglas, *A poderosa fraqueza de John Knox*, FIEL.
- MORRIS, Leon, *1 Coríntios: Introdução e comentário*, Vida Nova.
- MARSHALL, Howard, *Atos: Introdução e Comentário*, Vida Nova.
- LEWIS, C.S, *Lendo os Salmos*, Ultimato.
- BONHOEFFER, Dietrich, *Orando com os Salmos*. Encontro Publicações.
- VOS. J. G. *Catecismo Maior Comentado*, Os Puritanos.
- WESTMINSTER, Confissão de Fé. Cultura Cristã.
- WESTIMINSTER, Diretório de Culto.
- LUTERO, Martinho. *Como Reconhecer a Igreja*.

-
- [1] CALVINO, João, Salmos vol 1, São Paulo, Fiel, 2013, eBook/Kindle, p. 27
- [2] BEEKE, Joel, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 34
- [3] <https://www.editorareformata.com/recursos/prefacio-ao-salterio-de-genebra-de-1543-por-joao-calvino?rq=salt%C3%A9rio%20de%20genebra>
- [4] BEEKE, Joel, *Espiritualidade Reformada*, São José dos Campos, SP, FIEL, 2014, p. 47.
- [5] LUTERO, Martinho, *Como reconhecer a Igreja (Dos Concílios e da Igreja – 3ª parte)*, São Leopoldo, RS, 2001, Sinodal e Concórdia, p.39
- [6] BONHOEFFER, Dietrich, *Orando com os Salmos*, Curitiba, PR, 2010, Encontro Publicações, p. 20.
- [7] BERTHOUD, Marc-Jean, *A grande Tradição Reformada*, 1ª edição 2020, Brasília, DF, Monergismo, Kindle, pos.1264/total.
- [8] BEEKE, Joel, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 15.

[9] Ibidem, p. 15.

[10] Existe uma longa discussão se o termo “salmo” utilizado pela Confissão de Westminster se refere ao Livro dos Salmos ou a qualquer outra canção espiritual. O pastor Daniel Silveira nos concede bastante luz para entendermos o assunto. Gostaria de apenas citar os principais pontos elencados por ele: primeiro, nota-se que um dos propósitos da Assembleia era promover uniformidade de culto entre as nações da Inglaterra, Irlanda e Escócia. O autor nota que se o termo salmo se referisse a músicas não inspiradas, a uniformidade não seria possível, pois os escoceses tinham uma forte convicção da Salmodia exclusiva. Em segundo lugar, as atas da Assembleia utilizam o termo “salmo” para se referir claramente ao Livro dos Salmos. Em terceiro lugar, a Assembleia providenciou um Saltério, uma nova e revisada metrificação do livro dos Salmos contendo apenas os 150 Salmos da Bíblia. Em último lugar, está registrado nas atas da Assembleia que o Saltério produzido pela Assembleia seria o único autorizado para ser usado nas igrejas em todo o domínio da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Para uma visão mais abrangente do assunto e de que maneira devem conviver em amor os defensores da Salmodia exclusiva e os defensores da Salmodia inclusiva, confirmam a obra “O Cântico dos Salmos e o amor Cristão”, Nadere Reformatie Publicações, e-book/Kindle.

[11] Diretório de Culto de Westminster, 1ª edição digital, Os Puritanos, 2016, Ebook/kindle, pos.795/total.

[12] JOHNSON, Terry. *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 44, 45.

[13] ADAMS, Jay, *Salmos de Guerra del Príncipe da Paz*, Medellín, Colômbia, Poiema Publicaciones, 2013, Kindle, pos.163/total.

[14] BONHOEFFER, Dietrich, *Orando com os Salmos*, Curitiba, PR, 2010, Encontro Publicações, p. 47.

[15] JOHNSON, Terry, *Por que devemos cantar os Salmos?*. São Paulo, SP: Os Puritanos, 2016, p. 50.

[16] LEWIS, C.S, *Lendo os Salmos*, 1ª edição, Viçosa, MG: Ultimato, 2015, p. 27.

[17] Ibidem, p. 29.

[18] Ibidem, p. 28.

[19] Ibidem, p. 29.

[20] Ibidem, p. 33.

[21] WILSON, James, *A Verdadeira Salmodia*, Caridade Puritana, 2019, p. 163.

[22] Ibidem, p. 122.

[23] VOS, J. G. citação extraída http://www.monergismo.com/textos/liturgia/envergonhado_vos.htm, tradução livre de Felipe Sabino Araújo Neto, Cuiabá, MT, 13 de Novembro de 2004.

[24] Ibidem.

[25] TURRETINI, François, *Compêndio de Teologia Apologética vol. 2*, 1ª edição, São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011, p. 45.

[26] Catecismo Maior de Westminster Comentado, 1ª edição, 2007, p. 396.

[27] CALVINO, João. Comentários dos Salmos, vol 2. 1ª edição, São José dos Campos, Fiel, 2013 Ebook-k/Kindle, pos 1520/total.

[28] DEURSEN, Frans, Van. *Los Salmos*, vol 2, segunda edição, Rijswijk, Z.H. - Países Baixos, Felire, 2003, p. 504

[29] CALVINO, João, Comentário dos Salmos, vol 1, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2013: Ebook/kindle, p. 184

[30] CALVINO, João. Comentário dos Salmos vol 4, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2013: Ebook/kindle, p. 498.

[31] MACARTHUR, John, *Notas da Bíblia de Estudo MacArthur*, Barueri, SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 766.

[32] BEEKE, Joel, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, pp. 28, 29.

[33] WILSON, James, *A Verdadeira Salmodia*, Caridade Puritana, 2019, p. 170, 171.

[34] Vemos que, como Davi, outros autores dos Salmos também são reconhecidos como autores inspirados por Deus: Asafe é chamado de “vidente” (2Cr 29:30), Jedutum é chamado de “vidente do rei” (2Cr 35:15) e de Hemã é dito “o vidente do rei e cujo poder Deus exaltou segundo as suas promessas...” (1Cr 25:5; cf. 1Cr 25:1). Esses músicos do templo também eram profetas inspirados por Deus, de maneira que também tinham autoridade para escrever cânticos ao Senhor.

- [35] MAIA, Hermisten. *Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo* 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2014, p. 97.
- [36] BONHOEFFER, Dietrich, *Orando com os Salmos*, Curitiba, PR, 2010, Encontro Publicações, p. 15.
- [37] CALVINO, João, *Comentário dos Salmos*, vol 4, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2013: Ebook/kindle, p. 502.
- [38] BEEKE, Joel, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 31.
- [39] BAVINCK, Herman, *Dogmática Reformada*, vol 1, 1ª edição, São Paulo, Cultura Cristã, 2012, p. 395.
- [40] Ibidem, p. 423.
- [41] SPURGEON, Charles, *Salmo 119*, 1ª edição, São Paulo, SP, Edições Parakletos, 2001, p. 191.
- [42] BAVINCK, Herman, *Dogmática Reformada*, vol 1, 1ª edição, São Paulo, SP, Cultura Cristã, 2012, p. 391.
- [43] VOS, G. citação extraída http://www.monergismo.com/textos/liturgia/envergonhado_vos.htm, tradução livre de Felipe Sabino Araújo Neto, Cuiabá, MT, 13 de Novembro de 2004.
- [44] ADAMS, Jay, *Salmos de Guerra del Príncipe da Paz, Medellín, Colômbia*, Poiema Publicaciones, 2013, Kindle, pos.348/total.
- [45] CALVINO, João, *Comentário aos Gálatas*, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2010, p. 169.
- [46] Ibidem.
- [47] MORRIS, Leon. *1 Coríntios: Introdução e Comentário* 1ª edição, São Paulo, SP, Vida Nova, 1981 p. 198.
- [48] BOND, Douglas, *A poderosa fraqueza de John Knox*, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2011, p. 58
- [49] Idem, p. 60.
- [50] VOS, J. Geerhardus, *Catecismo Maior de Westminster Comentado*, 1ª edição, São Paulo, SP: Os Puritanos/CLIRE 2007, pp. 595,596.
- [51] DEURSEN, Frans, Van, *Los Salmos, himnario de los hijos del pacto*, vol 2, 2ª edição, Rijswijk, Países Baixos, FELIRE, 2003 p. 416,417, tradução livre do autor.
- [52] As citações deste sermão foram retiradas do site da Monergismo:
http://www.monergismo.com/textos/advertencias/pecadores_maos_deus_irado.htm.
- [53] BAVINCK, Herman, *Dogmática Reformada*, vol. 2, 1ª edição, São Paulo, Cultura Cristã, 2012, p. 257.
- [54] VOS, J. Geerhardus, *Catecismo Maior de Westminster comentado*, 1ª edição, São Paulo, SP, Os Puritanos/CLIRE, 2007, p. 599.
- [55] CALVINO, João, *Comentário dos Salmos*, vol 1. 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2013: Ebook/kindle, p. 190.
- [56] ANGLADA, Paulo, *Soli Deo Gloria*, 1ª edição, Ananindeua, PA, Knox Publicações, 2007, p. 112.
- [57] BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*, vol. 4. 1ª edição, São Paulo, Cultura Cristã, 2012, p. 706,707.
- [58] MARSHALL, Howard, *Atos: Introdução e Comentário*, 1ª edição, São Paulo, SP, Vida Nova, 1982, p. 154.
- [59] BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*, vol. 4. 1ª edição, São Paulo, Cultura Cristã, 2012, p. 707,708.
- [60] BEEKE, Joel, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 33.
- [61] CALVINO, João, *Comentários dos Salmos* vol. 2, 1ª edição, São José dos Campos, SP, FIEL, 2013: Ebook/kindle, pos. 1434/total.
- [62] DEURSEN, Frans, Van, *Los Salmos*, vol 1. 2ª edição, Rijswijk, Países Baixos, FELIRE, 2003 p. 20,21.
- [63] BUNYAN, John, *Jornada para o inferno*, 1ª edição, São Paulo: PES, 2010, p. 243,244.
- [64] ALLEINE, Joseph. *Um guia seguro para o céu*. 1ª edição, Santo Amaro, SP. PES, 2014, p. 97.
- [65] JOHNSON, Terry, *Por que Devemos cantar os Salmos?* 1ª edição, Os Puritanos, 2016, p. 51.